

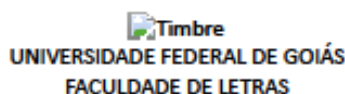
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

GABRIEL TORQUATO OLIVEIRA

**CONFIGURAÇÕES HOMOERÓTICAS EM *ME CHAME PELO SEU NOME*, DE
ANDRÉ ACIMAN**

GOIÂNIA

2022



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

Gabriel Torquato Oliveira

3. Título do trabalho

"CONFIGURAÇÕES HOMOERÓTICAS EM ME CHAME PELO SEU NOME, DE ANDRÉ ACIMAN"

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por Flávio Pereira Camargo, Professor do Magistério Superior, em 17/03/2022, às 09:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por GABRIEL TORQUATO OLIVEIRA, Discente, em 17/03/2022, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o Assinatura código verificador 2764997 e o código CRC 835EDF7C.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

GABRIEL TORQUATO OLIVEIRA

**CONFIGURAÇÕES HOMOERÓTICAS EM *ME CHAME PELO SEU NOME*, DE
ANDRÉ ACIMAN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo

Área de concentração: Estudos Literários

Linha de pesquisa: Literatura Comparada e Estudos Culturais

GOIÂNIA

2022

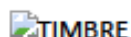
Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Gabriel Torquato
CONFIGURAÇÕES HOMOERÓTICAS EM ME CHAME PELO SEU
NOME, DE ANDRÉ ACIMAN [manuscrito] / Gabriel Torquato Oliveira. -
2022.
xc, 90 f.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2022.
Bibliografia.

1. Andre Aciman. 2. Homoerotismo. 3. Desejo Homoerótico. I.
Camargo , Flávio Pereira , orient. II. Título.

CDU 821



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 4 da sessão de defesa de dissertação de Gabriel Torquato Oliveira que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Literários

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e dois, a partir das quatorze horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "CONFIGURAÇÕES HOMOERÓTICAS EM ME CHAME PELO SEU NOME, DE ANDRÉ ACIMAN". Os trabalhos foram instalados pelo orientador, Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno e Prof. Dr. Rosicley Andrade Coimbra (UEMS) - membro titular externo. Durante a arguição, os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido o candidato aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e dois.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por ROSICLEY ANDRADE COIMBRA, Usuário Externo, em 24/02/2022, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Flávio Pereira Camargo, Professor do Magistério Superior, em 24/02/2022, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Pedro Carlos Louzada Fonseca, Usuário Externo, em 24/02/2022, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o Assinatura código verificador 2712789 e o código CRC 07EA365D.

Referência: Processo nº 23070.003281/2022-48

SEI nº 2712789

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, prof. Dr. Flávio Pereira Camargo, que não mediu esforços para me orientar com sabedoria, paciência e cordialidade. Serei eternamente grato pelas orientações, correções e sugestões e por acreditar nesta pesquisa. Graças a você, finalizo esse ciclo cheio de esperança no mundo e nas pessoas, você é um exemplo de ser humano a ser seguido, gentil e compreensivo, e que, com certeza, farei questão de me espelhar em você para me tornar um profissional de excelência.

Aos professores Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca e Dr. Rosicley Andrade Coimbra que se disponibilizaram a ler meu trabalho, e trouxeram grandes reflexões, sugestões e apontamentos em meu exame de qualificação, sugestões estas que me auxiliaram a concluir este trabalho.

Ao meu professor de graduação Alex Bruno que, desde o começo da graduação, acreditou no meu sonho de ingressar em um mestrado e, durante quatro anos fez com que eu me apaixonasse todos os dias por literatura, além de ter me auxiliado de inúmeras maneiras para que isso se tornasse realidade.

Aos meus pais, que me fizeram levantar a cabeça toda vez que pensei em desistir. À minha amiga Natália que nunca soltou a minha mão nesses dois anos e me auxiliou sempre que precisei.

À Talita e Bruna, que foram minhas colegas em praticamente todas as disciplinas do curso, e parceiras de artigos, sem vocês esse processo teria sido mais difícil.

Às professoras que contribuíram para minha formação no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGLL) da Faculdade de Letras da UFG, e todos que direta, ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Nesta dissertação propomos uma análise do romance *Me chame pelo seu nome* que foi publicado em 2007 pelo escritor americano André Aciman e traduzido para o português em 2018. A obra narra o relacionamento homoerótico entre Elio Perlman e Oliver na década de 1980 na Riviera Italiana. A partir de uma reflexão acerca da subjetividade, do corpo e do desejo homoerótico entre os protagonistas, pretendemos problematizar questões relacionadas aos conflitos existentes referentes à identidade dos protagonistas em um contexto multicultural e, ao mesmo tempo, heteronormativo. Partindo deste pressuposto, no decorrer da pesquisa, analisaremos o modo com que o personagem Elio se descobre enquanto sujeito gay, por meio do desejo que sente por Oliver, destacando as relações multiculturais que vivencia ao longo de sua vida e que o auxiliam na formação de sua identidade fragmentada, que está em constante transformação. Para alcançar nossos objetivos, partiremos das reflexões de Néstor Canclini (1997/2006), Homi K. Bhabha (2012) e Stuart Hall (2006/2011), dentre outros. Dissertaremos, também, sobre como as relações híbridas figuram a identidade de Elio e Oliver, observando de que maneira o corpo e o desejo homoerótico são representados no romance, levando em consideração que o desejo está ligado à busca pela completude do ser, como forma de legitimar um anseio, bem como as questões relacionadas ao corpo abjeto, a partir das proposições de Georges Bataille (1987), Zygmunt Bauman (2004), Judith Butler (2010) e Didier Eribon (2008), por exemplo.

Palavras-chave: André Aciman. Narrativa contemporânea. Homoerotismo. Desejo homoerótico.

ABSTRACT

We propose with this dissertation, an analysis of the romance *Call me by Your Name*, which was published in 2007 by the American writer André Aciman and translated into Portuguese in 2018. The romance narrates the homoaffective relationship between Elio Perlman and Oliver in the 1980s at Riviera Italiana. We will seek to analyze the way in which the character Elio discovers himself as a gay subject, through the desire he feels for Oliver, highlighting the multicultural relationships that he experiences throughout his life and that help in the formation of his fragmented identity, which is in constant transformation, for this, we will start from the reflections of Néstor Canclini (1997/2006), Homi K. Bhabha (2012), Stuart Hall (2006/2011), among others. We will also discuss how hybrid relationships shape the identity of Elio and Oliver. Observing how the body and homoerotic desire are represented in the romance, taking into account that the desire is linked to the search for the completeness of the being, as a way to legitimize a yearning, as well as issues related to the abject body, from the propositions of Georges Bataille (1987) Zygmunt Bauman (2004), Judith Butler (2010), Didier Eribon (2008) Thinking about the subjectivity of the body and homoerotic desire, we intend to problematize gender issues in order to think about existing conflicts related to identity gay in a heteronormative society.

Keywords: André Aciman. Contemporary Narrative. Homoeroticism. Homoerotic desire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ASPECTOS MULTICULTURAIS EM <i>ME CHAME PELO SEU NOME</i>, DE ANDRÉ ACIMAN	16
1.1 A identidade em questão: aspectos subjetivos e multiculturais	20
1.1.2 Questões multiculturais em torno de Elio	28
2. REPRESENTAÇÕES HOMOERÓTICAS EM <i>ME CHAME PELO SEU NOME</i>, DE ANDRÉ ACIMAN.....	41
2.1 Afetividade, corpo e desejo homoerótico.....	43
2.2 Amizade e alteridade entre Elio e Oliver	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta fazer uma análise das configurações do desejo homoerótico entre os protagonistas Elio e Oliver, abordando, ainda, os aspectos identitários multiculturais implicados no contexto da narrativa *Call by your name*, do escritor André Aciman, publicada em 2007, e traduzida para o português em 2018, com o título *Me chame pelo seu nome*. Sabemos que ainda há certa carência de estudos voltados para a literatura homoerótica no Brasil, bem como poucos trabalhos acadêmicos sobre o romance em questão, somando poucos artigos e apenas dois trabalhos de conclusão de curso até o momento, quais sejam: “O discurso erótico do sujeito, sexualidade e identidade em *Me Chame Pelo Seu Nome*, de André Aciman”, escrito por Ozielton de Oliveira e defendido na Universidade Federal Rural da Amazônia/Campus Tomé-Açu. E também o meu TCC, uma vez que essa pesquisa se iniciou em minha graduação, através do meu trabalho de conclusão de curso intitulado “NARRATIVA E HOMOEROTISMO: corpo, desejo e identidade em *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman”, em 2019 defendido na Universidade Estadual de Goiás – Campus São Luís de Montes Belos.

Resolvi, então, aprofundar a pesquisa no Programa de Pós Graduação, visto que este romance me tocou e me representou de diversas formas, uma vez que há grande representação de personagens gays e das relações homoeróticas que são negadas e apagadas na literatura; de uma forma ou outra, consigo dar voz para a obra. Tornou-se clara a necessidade de desenvolver uma pesquisa amparada pela Universidade Federal de Goiás que tratasse sobre a temática do homoerotismo e sobre a obra do referido autor, levando em consideração os poucos estudos sobre André Aciman e sobre o supracitado romance. Sendo assim, esse estudo visa contribuir para ampliar os estudos sobre sua obra e, também, despertar o interesse de futuras pesquisas sobre suas narrativas e acerca da literatura homoerótica.

Neste sentido, esta pesquisa fundamenta-se no esforço de contribuir e fortalecer as pesquisas em torno dos estudos de gênero e da literatura homoerótica, já que é evidente que vivemos em uma sociedade heteronormativa e excludente que, de uma forma ou outra, silencia os autores e as obras relacionadas a tal temática. O que faz com que estes não tenham tanto espaço como objeto de pesquisa e estudo no âmbito acadêmico como as obras que seguem os padrões tradicionais impostos por uma sociedade sexista, racista, patriarcalista e heteronormativa. Além disso, buscaremos refletir de que maneira tais padrões interferem na

construção da identidade do sujeito gay, e de que forma tal fenômeno faz com que reprimam seus desejos e corpos.

O conceito de homoerotismo é vasto e procura dar suporte aos estudos acerca das diferentes formas de relacionamento erótico entre pessoas do mesmo sexo. Jurandir Freire Costa (1992), ao problematizar o conceito de homoerotismo, faz um paralelo entre as denominações “homossexualidade” e “homossexualismo” que, para ele, são termos incapazes de conceituar a subjetivação desta identidade de gênero, visto que são terminações estigmatizadas e que denotam uma ideia de patologia, anormalidade ou perversão, já o termo “homoerotismo” é capaz de abranger a identidade que os outros termos excluem.

Os limites que pairam na sociedade em relação ao homoerotismo também são descritos por Jette Strohsneider (2020). Segundo o autor, a visão tradicional das sociedades sobre as relações homoeróticas enfatizam a desvalorização do indivíduo gay no seio social por não corresponder às exigências do homem viril e da linhagem contínua colocada como cerne da cultura religiosa.

Para Antonio de Pádua da Silva (2014), o estudo da literatura homoerótica é o fator inicial para o entendimento de um objeto de estudo que será visto frequentemente na literatura contemporânea, assim como o entendimento das questões subjetivas que cercam essa temática:

Estudar essa produção da literatura brasileira contemporânea significa uma abertura para o entendimento de um campo de discussão que pretende estar presente por um bom tempo em projetos autorais de escritores brasileiros, como também, de escritores de outras culturas que investem na escrita de expressão gay por questões, principalmente, de ordem política, a exemplo dos Estados Unidos. Essa tendência contemporânea de fazer emergir questões gays, lésbicas e queer, homoafetivas reacende velhas discussões em torno de parte da produção autoral de escritores que não foram devidamente valorizados em sua época e, subsequentes, por questões não de ordem estética (em alguns casos, sim), mas de ordem “ética”, moral, religiosa e cultural, configurando preconceito e discriminação a autores e obras que buscaram refletir o tema do amor entre iguais (SILVA, 2014, p. 62-63).

Desse modo, a discussão a respeito da temática da diversidade sexual, na literatura, surgiu no intuito de tornar visível um assunto sempre presente nas sociedades. Dentro dessas questões, a identidade é um conceito que também é revisto a partir da modernidade e apresenta várias reflexões a partir dos estudos culturais. Ao analisar narrativas contemporâneas encontramos, com frequência, as múltiplas identidades de personagens que estão sendo formadas através de diversos fatores além da representação do corpo e do desejo

homoerótico, assim como o disciplinamento do mesmo. O processo de globalização e os diversos deslocamentos espaciais contribuem para o conceito de identidade fragmentada (HALL, 2006).

O romance *Me chame pelo seu nome*, do escritor André Aciman, apresenta um narrador autodiégetico que relata suas experiências e estranhamentos naturais quanto à sua identidade e ao seu desejo sexual. Além de consolidações de desejos eróticos, que causarão reflexões e crises identitárias, pelo fato de ter se desprendido de identidades fixas, que eram impostas naquela época, o narrador protagonista passa por um processo de formação identitária, visto que esse pertence a uma sociedade heterossexual, mesmo que seus pais se caracterizem por serem indivíduos desprendidos de estigmas sociais.

Nesse viés, é possível observar como a obra literária se consolida a partir das considerações elencadas por Mikhail Bakhtin (2019) acerca do gênero romance, o qual se caracteriza como algo inacabado e constante de mudanças por ser um gênero que retrata as efemeridades do presente inconclusível, do mesmo modo que as personagens são entrelaçados na obra.

É importante ressaltar que essa narrativa possui uma personagem-narradora que revela uma narrativa de si, por meio da qual ela expõe ao leitor aspectos diversos relacionados à sua subjetividade e uma identidade múltipla. Trata-se, portanto, de uma voz que narra e assume o próprio ponto de vista, sem interferência subjetiva de outras personagens.

Essa enunciação é repleta de significados, pois nela o sujeito mostra suas concepções e indagações, sejam eles relacionados ao seu desejo, sejam aqueles que dizem respeito a uma das personagens: Oliver. Este, por ter sido criado em um espaço de sociabilidade mais tradicional, no qual o seu corpo, o seu desejo e a sua identidade são tidos como estranhos e abjetos, e que podem ser expurgados do meio social.

Nesse sentido, Antonio de Pádua da Silva (2014) afirma que é interessante que a narrativa de temática homoerótica seja escrita através do olhar do próprio sujeito, para que não haja concepções e conclusões equivocadas no que diz respeito à subjetividade do sujeito homoerótico:

A singularidade que a torna “especial” diz respeito a uma sistematização ou a uma forma específica de o narrador desenvolver a história narrada e nela fazer atuar as personagens: a “literatura de expressão gay”, em quase sua exclusividade, utiliza-se da “primeira pessoa” para narrar os fatos acontecidos. As obras que narram os fatos em “terceira pessoa” utilizam-se do discurso do narrador para engendrar na narrativa a tipicidade discursiva ou o ponto de vista sobre o qual as ações são narradas, dando-

se sempre voz e direito às personagens homoafetivas, esvaziando, pelas vozes narradoras, as projeções preconceituosas e discriminatórias (SILVA, 2014, p. 67).

Diante disso, podemos afirmar que esse trabalho pode ser um meio de compreender a intimidade dos sujeitos homoeróticos, pelo viés do texto e da configuração da realidade, que proporciona ao leitor outras perspectivas em torno dessa temática, proporcionando mudanças na maneira de perceber o sujeito gay e de interpretá-lo.

Para alcançar nossos objetivos, estruturamos esta dissertação em dois capítulos. No primeiro capítulo, dissertaremos sobre questões relacionadas à identidade fragmentada pelo viés do multiculturalismo bem como as questões judaicas em torno da formação identitária da personagem Élio. No segundo capítulo, serão abordadas questões sobre o corpo e o desejo, o olhar e as relações de poder, bem como os corpos “estranhos”, que são vistos como abjetos pela sociedade heteronormativa.

Georges Bataille (1987) afirma que o sujeito procura naquele que é objeto de investimento afetivo e sexual, uma forma de completar o seu ser, o seu desejo interior. Considerando que somos seres incompletos, temos a tendência natural de buscar no outro a nossa completude, a nossa continuidade e a possibilidade de satisfação de um desejo interior, diferenciando-nos dos outros animais que usam o desejo apenas para satisfação sexual. Neste sentido, para o autor,

O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão. A própria sexualidade animal introduz um desequilíbrio e este desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe. Nele nada se abre que se assemelhe com uma questão. Seja como for, se o erotismo é a atividade sexual do homem, o é na medida em que ela difere da dos animais. A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela o é sempre que não for rudimentar, que não for simplesmente animal (BATAILLE, 1987, p. 20).

O desejo homoerótico, nesse sentido, não é visto apenas pelo viés da satisfação sexual, mas sim pela busca da completude do ser e a existência do sujeito, tendo em vista que sempre houve uma grande proibição e condenação no que se diz respeito ao prazer, principalmente, do prazer sexual entre pessoas do mesmo sexo, que por sinal sempre causaram grande estranhamento, pois

A cada vez que alguém sente o apelo da diferença em seu desejo, provavelmente terá de vencer séculos de repressão, para chegar ao epicentro do seu eu. [...] Não seria absurdo imaginar que as inúmeras, reiteradas e violentas proibições à

sexualidade desviante talvez tenham engastado no desejo homossexual um pânico arquetípico, quase no nível de pulsão (TREVISAN, 2000, p. 163).

Logo, percebemos que os sujeitos gays, os quais manifestam desejo por outro corpo do mesmo sexo, sofreram e sofrem perseguições em razão dos ditos “bons costumes”, pois tais costumes controlaram esses impulsos e marginalizam a prática homoerótica muito mais que outras formas de conseguir prazer, tornando-a sempre motivo de julgamentos e punições. Partindo dessa afirmação, entendemos que o desejo homoerótico vai além do sexo, envolvendo subjetividades existenciais e caracterizando uma maneira do sujeito gay ser e sentir-se no mundo.

Tais perseguições e punições são frutos não só de uma sociedade conservadora, mas também do medo que as pessoas que seguem os padrões heteronormativos possuem de algo que é estranho a eles. Neste sentido, Michel Foucault afirma:

Penso que é isto o que torna “perturbadora” a homossexualidade: o modo de vida homossexual muito mais que o ato sexual mesmo. Imaginar um ato sexual que não esteja conforme a lei ou a natureza, não é isso que inquieta as pessoas. Mas que indivíduos comecem a se amar, e aí estão os problemas. A instituição é sacudida, intensidades afetivas a atravessam, ao mesmo tempo, a dominam e perturbam (1981, p. 38).

Além das reflexões que norteiam o corpo e o desejo homoerótico, neste trabalho, abordaremos a questão da identidade múltipla, e de que maneira a pluralidade social e cultural influencia e forma a identidade do sujeito, tendo em vista que o conceito de identidade fixa já não se sustenta, como, por exemplo, aparece no romance:

Ver alguém proclamar seu judaísmo no pescoço, como Oliver fazia quando pegava uma das bicicletas e ia até a cidade com a camisa aberta, nos chocava e, ao mesmo tempo, nos ensinava que poderíamos fazer o mesmo e sair ilesos. Tentei imitá-lo algumas vezes (ACIMAN, 2018, p. 45).

Segundo Stuart Hall (2006), a globalização teve grande influência sobre as tendências culturais de etnia, nacionalidade, bem como as de gênero e de sexualidades, tendo em vista que, no romance que será analisado, encontram-se diferentes formas de manifestações culturais e étnicas. José Carlos Barcellos afirma que:

A interpretação é um processo existencial de tomada de consciência da própria identidade por parte do sujeito no momento mesmo em que este se abre à alteridade

da tradição que o constitui e que não se reduz de forma alguma a uma ficção discursiva. Logo, a identidade nesse sentido deixa de ser vista como fator homogêneo e passa a ser analisada pelo viés da alteridade, que nada mais é do que o contato com culturas e sujeitos diferentes (2006, p. 69).

Nesse sentido, as identidades passaram a ser móveis e estão em constante mudança, sendo transformadas pelos sistemas culturais nos quais os sujeitos estão inseridos. O sujeito contemporâneo assume diferentes identidades que não são homogêneas, pois o sujeito é marcado, como o protagonista Elio, por identidades contraditórias, levando-o a diferentes rumos. Assim:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2011, p. 13).

Com essa afirmação de Hall, concluímos que a ideia de identidade fixa e imutável se tornou inviável nesse mundo globalizado. Tendo em vista o pressuposto de que à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o sujeito passa a se confrontar com uma multiplicidade de identidades, se confrontando excessivamente com os padrões e adquirindo a identidade que melhor representa sua própria subjetividade, portanto, é possível afirmar que a identidade está sempre sujeita a mudança.

Nesta perspectiva, o conceito de literatura homoerótica e dessas questões que cercam essa literatura se torna produtivo para nossa pesquisa, uma vez que propomos uma análise das configurações homoeróticas no romance *Me chame pelo seu nome* (2007), de André Aciman, de modo a abarcar questões diversas relacionadas ao corpo, ao desejo e à identidade dos protagonistas Elio e Oliver.

1. ASPECTOS MULTICULTURAIS EM *ME CHAME PELO SEU NOME*, DE ANDRÉ ACIMAN

Visando desenvolver a análise do romance *Me chame pelo seu nome*, julgamos importante fazer uma breve apresentação do autor André Aciman. Ele nasceu em Alexandria, no Egito, no ano de 1951, e pertence a uma família de judeus que foi exilada na Itália e nos Estados Unidos da América. É doutor em Literatura Comparada pela Harvard, e além de lecionar, Aciman escreve romances. Vale salientar que Aciman foi criado em meio a diversas culturas e sua comunicação era em francês, italiano, grego e árabe (G1, 2018).

No que concerne a sua relação com a construção da identidade e às multiculturas com as quais teve contato em seu processo formativo, é possível abarcar o romance *Me chame pelo seu nome*, visto que esse traz à tona as questões que envolvem a construção da identidade em um contexto multiculturalista e globalizado. A história de Elio Perlman demonstra a construção da identidade pautada no contato com outras pessoas, de modo a se colocar no lugar desses. Ademais, a personagem possui traços judeus, americanos e italianos e tem contato com outro jovem que, também, tem identidades de diferentes lugares (SANTANA; SOUZA; MOTA, 2018).

O desenvolvimento do livro conta com exposições acerca da tradição e das inovações, provocando uma maior atenção em relação às diferenças entre as gerações, sendo elas variadas e complexas. É possível tomar consciência sobre a importância da comunicação multicultural, auxiliando, assim, nas diferentes formas de pensar e no que é esperado por cada cidadão. Além disso, convém salientar que o romance em questão aborda aspectos que envolvem a diversidade, a identidade, a relação multicultural e outras questões afins.

É sabido, ainda, que os indivíduos que estão inseridos no contexto de diversidade multicultural acabam por desenvolver características próprias ou, por vezes, podem se ver como fundamentais a fim de reafirmar suas origens. Tais fatos são corroborados por meio da criação de características exclusivas desses grupos, normalmente por meio de cultos religiosos. Logo, torna-se evidente que cada grupo se comporta de uma forma, no entanto, nos diferentes casos, podem assumir posturas que buscam por uma característica única, ainda que estejam inseridos em contextos multiculturais (SILVA, 2000).

Em se tratando da história abordada em *Me chame pelo meu nome*, os conceitos sobre a sexualidade promovem o questionamento sobre essa temática. Os questionamentos são imprescindíveis a fim de realizar uma reflexão sobre como o adolescente, nesse caso, se comporta em relação a essa descoberta, uma vez que ela é parte da construção de sua identidade. Portanto, torna-se evidente que a identidade é pautada na interação entre o “eu” e a sociedade, conforme afirma Stuart Hall (2005).

Frente ao ideal de identidade supracitado, sabe-se que a personagem Elio é responsável por desenvolver, ao longo do romance, a construção dessa que se dá por meio de experiências. Nesse sentido, a identidade é baseada no que é vivenciado, nas relações construídas ao longo da vida, bem como por questões inconscientes. A descoberta e a transformação são constantes, visto que o contato com o meio social é diário e, dessa forma, a identidade é influenciada por meio do multiculturalismo (VIANA; VASCONCELOS, 2020).

É possível, com base no exposto, perceber uma relação entre a construção da identidade pautada no multiculturalismo tanto do autor do romance quanto da personagem. O ponto que se faz evidente, ainda que seja pouco debatido, consiste no fato de que Elio é judeu, assim como a outra personagem, Oliver, e, em determinado momento, é salientada a discrição da família da personagem principal. Essa discrição seria fruto da necessidade de atender à cultura em que estão inseridos ou é oriunda apenas da construção da identidade, afinal, para eles, os judeus são discretos.

Em síntese, compreendido brevemente acerca do livro, bem como sua abordagem em diferentes espaços, é importante que aprofundemos a análise. Esse aprofundamento é fundamental a fim de que seja discorrido sobre a influência dos aspectos multiculturais e do ideal judaico no que concerne à construção da identidade. Logo, objetivamos que, após as próximas páginas, torne-se evidente a construção da identidade com base nas diferentes influências que, por sua vez, são abordadas no decorrer do romance.

A obra *Me chama pelo seu nome* conta a história de Elio, um jovem em processo de descobrimento e, sobretudo, em processo de construção de sua identidade. Durante esse processo, Elio conhece Oliver e se encanta por todas as qualidades que ele demonstra. Vale salientar ainda que, no desenrolar da narrativa, Elio aborda diferentes questões que, por sua vez, acabam por dialogar com o cotidiano de um adolescente inserido em um contexto com diferentes aspectos culturais.

A relação entre as personagens supracitadas está ligada ao meio familiar e social, de modo que acaba por tecer um paralelo com a cultura a qual está inserido, pois além de ser judeu, Elio está envolvido em um meio multicultural e globalizado, uma vez que seus pais recebem com certa frequência pesquisadores e visitantes de diferentes partes do mundo, com distintas formações identitárias, com as quais mantêm contato. É indubitável que a diferença entre gerações também é parte importante em relação à influência da construção da identidade. Tal argumento é corroborado no artigo “Sonhos do avô, do pai e do filho ou sobre polifonias psicoculturais contemporâneas em *Me chame pelo seu nome*”, escrito por Jorge Alves Santana, Jamesson Buarque Souza e Alice Amorim de Santana Mota (2018, p. 2), já que, para os referidos autores:

A relação homoafetiva entre o adolescente e o jovem pesquisador é o núcleo acional dinamizador da narrativa que, entre outras tantas camadas semânticas, trata da paidêutica contemporânea de um grupo microfamiliar, e também macroestrutural, judeu em franca dinâmica multicultural e globalizada. Assim, trataremos aqui de relações intergeracionais – avô, pai e filho – pertinentes à formação de certa dimensão do ethos afetivo e erótico do narrador-protagonista.

Em um primeiro instante, convém colocar em pauta o fato de que o livro aborda diferentes conceitos e abarca diversos contextos, tais como a questão da identidade, com foco em alguns aspectos judaicos e no multiculturalismo. Nesse cenário, é indubitável que há presença de culturas diferentes que fizeram parte da construção da identidade de todas as pessoas assim como é o caso de Elio. A personagem se vê inserida em um contexto repleto de diferentes culturas, desde a etnia até a aquisição de novos saberes.

A família Perlman – Professor Perlman, Annella Perlman, Elio Perlman, e o filho mais velho que está em viagem pela Ásia – é multicultural na sua base étnica; ou seja, possui traços judeus, americanos e italianos. Devido também a esta constituição, costuma receber jovens pesquisadores com reconhecido destaque na área dos estudos sociais, das humanidades, linguagens e artes. A cada verão, em seis semanas de julho a agosto, hospedam um destes jovens, minuciosamente selecionados, para uma residência acadêmico-científica em sua casa de campo, na costa italiana (SANTANA; SOUZA; MOTA, 2018, p. 3).

Elio é um judeu, cujo pai é professor de cultura greco-romana e se vê imerso em um mundo com várias culturas que acabam por fazer parte de sua formação enquanto cidadão. Ainda que o tema principal desenvolvido na obra seja apontado para a questão da sexualidade, visto que retrata o romance entre Elio e Oliver, é possível compreender pontos que se estendem aos encontros. Esse fato é representado quando Elio percebe que Oliver usa

uma pulseira representando a sua religião, que também é o judaísmo, mostrando para quem quisesse ver, representando, assim, um simbolismo. Já Elio não se vê naquela situação, em virtude da educação que lhe fora transmitida, baseada na discrição.

Uma vez que o jovem está em fase de descobertas, notamos a constante dúvida, medo, e incerteza que, por sua vez, são sentimentos que se fazem presentes no cotidiano de todos que se arriscam em busca de se conhecer. Ao perceber que tem interesse em Oliver, Elio toma coragem e embarca nessa relação, reconhecendo os pontos positivos de Oliver e, sobretudo, tomando isso como parte de seu caminho para o autoconhecimento. Ademais, torna-se evidente que todas as relações, sendo amorosas ou não, acabam por influenciar na construção da identidade de todas as pessoas, visto que essa é formada por meio da interação, assim como é afirmado por Hall (2005).

Contudo, ainda que o romance aborde a relação de Elio e Oliver, o que é possível perceber é que essa história é base fundamental para que seja consolidada a construção da identidade da personagem. Vale salientar, ademais, que a exploração das relações abordadas no livro demonstra a importância da alteridade entre as pessoas e, sobretudo, como parte da construção pessoal. Logo, a identidade é mutável e, no caso dessa história, implica o erotismo e a sexualidade no meio social, de modo a visar esses temas sob o ponto de vista da personagem, um adolescente. De tal modo que

deve-se atentar a esse tema, levando em consideração que ao falar do desenvolvimento da sexualidade e questionamentos que rodeiam a identidade do sujeito ao longo de sua vivência, pode haver um reconhecimento de vozes que representem esse sentimento através do discurso, uma vez que são abordagens de grande contribuição social e acadêmica (LOPES, 2021, p. 9).

Em síntese, a análise do romance *Me chame pelo seu nome* pode ser realizada sob o viés do desenvolvimento da identidade que, nesse caso, se relaciona de maneira direta com a multiculturalidade. Cabe destacar, além disso, que o processo de desenvolvimento e autoconhecimento, sobretudo, durante a adolescência, deve ser pautado na alteridade e no amor próprio. Esses quesitos são imprescindíveis para todas as pessoas, haja vista o fato de que, constantemente, os cidadãos são moldados em virtude do meio no qual estão inseridos e de suas interações.

1.1 A identidade em questão: aspectos subjetivos e multiculturais

Compreendida a temática do romance, convém discorrer acerca dos aspectos judaicos que se fazem presentes no romance *Me chame pelo seu nome*, uma vez que esses acabam por fazer parte da construção da identidade da personagem Elio. É indubitável o fato de que a cultura, fator cuja influência na construção da identidade do indivíduo é de extrema relevância, acaba por interferir tanto na educação que é ensinada às crianças e adolescentes, bem como na necessidade em seguir determinadas “ordens”. Diante do exposto, é sabido que, conforme Hall (2005, p. 47),

As culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. (...) Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.

Ainda que a cultura nacional esteja sofrendo uma forma de desconstrução, vale salientar que, assim como fora abordado nas citações acima, a cultura interfere de maneira direta em como se dará a construção do indivíduo e de sua identidade. Nesse sentido, em se tratando da cultura judaica, é sabido que algumas restrições são feitas, sendo elas em relação à alimentação, por exemplo. Essa restrição é parte da construção da identidade de determinada cultura, o que acaba por possibilitar a distinção entre diferentes culturas e identidades. “Mas, em todos os casos, a proibição distingue as identidades daqueles que estão incluídos em um sistema particular de crenças daqueles que estão fora dele” (SILVA, 2000, p. 44).

A família da personagem é judia e eles possuem base psicocultural para que permitam à personagem Elio se ver livre para experimentar seus desejos enquanto adolescente. No entanto, em determinado ponto da narrativa, é enaltecido o conservadorismo o que, por hora, resulta em um dualismo: satisfação e incerteza. Em virtude de tal feito, sabe-se que o romance aborda uma caminhada que envolve amor, conhecimento, aceitação e adequação humana em relação ao que se está sendo vivenciado. Portanto, o desenvolvimento conta com questões de cunho existencial que vão do aspecto pessoal ao interpessoal e, por conseguinte, abarcam a cultura como formadora da identidade.

Logo, analisando os aspectos judaicos presentes em *Me chame pelo seu nome*, é notório que há uma espécie de conservadorismo, bem como certa liberdade pautada no aspecto psicocultural. Esse argumento é perceptível no momento em que Elio e Oliver vão para o quarto a fim de que tenham sua primeira relação sexual, pois:

A tão programada e desejada relação sexual com Oliver ocorre entre satisfações e incertezas, como haveria de ser no campo existencial de um adolescente incentivado pelos pais a se portar com autonomia e independência diante de contextos conhecidos ou desconhecidos. Se o narrador adulto nos conta que sua família lhe propiciara intencionalmente um campo para experimentos comportamentais, ele também nos mostra o conflito/diálogo geracional criado pelo socius maior que aquele feito pela convivência com os pais. Essa realidade, como mencionamos, é aquela da tradição familiar judaica antiga e de qualquer outra família conservadora, representada pelo seu avô. Tanto é isso que ocorre, que vemos esta tradição conservadora lhe alertando alegoricamente, e de modo bem pragmático, quando o adolescente, após um errático, porém muito calculado processo de aproximação amorosa com Oliver, dirige-se ao quarto do futuro amante para sua primeira relação sexual homoafetiva (SANTANA; SOUZA; MOTA, 2018, p. 6).

Após tal feito, é perceptível que Elio se vê em conflito, uma vez que não seguiu o que é imposto pelas tradições judaicas ou, até mesmo, pela época. Isso enaltece a importância em se conhecer, a fim de que sua identidade, ainda que esteja sendo construída em meio multicultural, seja conforme melhor é para a personagem. Isso traz à tona o fato de que a personagem pode ser quem ela quiser, desde um judeu que age conforme a atualidade e conforme seus ideais, ou seguindo as tradições de outras culturas.

Em síntese, os aspectos judaicos abordados ao longo do romance mostram que podem ser conservadores, intimistas ou discretos, mas, em paralelo, podem ser moldados de acordo com o meio em que estão inseridos. Vale salientar, também, que outros aspectos judaicos amplamente abordados são voltados para a bondade desses povos. Com isso, em uma parte da narrativa fica evidente que a personagem, no sentido de poder ser quem quiser, ao encontrar seu caminho, faz o uso de uma característica de sua cultura como forma de respaldo, como lemos no excerto abaixo:

ouvir suas alpargatas na sacada e em seguida o barulho da minha porta — que nunca estava trancada — sendo aberta quando ele entrasse no meu quarto depois que todos já tivessem ido dormir, deitasse embaixo das minhas cobertas, tirasse minhas roupas sem pedir e, depois de fazer com que eu o desejasse mais do que eu imaginava ser capaz de desejar outra alma, de modo gentil e suave, com a bondade que um judeu oferece ao outro, entrasse em meu corpo depois de ouvir as palavras que eu vinha ensaiando havia dias, Por favor, não me machuque, o que queria dizer Me machuque o quanto quiser (ACIMAN, 2018, p. 35).

Diante disso, a identidade se torna um conceito fundamental para entendermos as relações homoeróticas. Segundo Stuart Hall (2006), o conceito é revisto a partir da modernidade e apresenta várias reflexões a partir dos estudos culturais. Ao analisar narrativas contemporâneas encontramos, com frequência, as múltiplas identidades de personagens que estão sendo formadas através de diversos fatores. O processo de globalização e os diversos deslocamentos espaciais contribuem para o conceito de identidade fragmentada (HALL, 2006), tendo em vista que o conceito de identidade fixa, em perspectiva cartesiana, já não se sustenta.

Uma questão muito discutida em relação ao relacionamento homoerótico é em relação ao desejo da maternidade e da paternidade. Porém, com o progresso das tecnologias reprodutivas aumentaram as possibilidades de contrariar categorias e vencer as fronteiras sexuais, de desestabilizar antigas certezas, de implodir as noções tradicionais de geração de vida, de nascimento, de crescimento, de amor e de morte. Não há mais impedimento para que um casal de homens ou de mulheres não tenha filhos, já que o embrião pode ser congelado e esperar até o momento certo, além dos diversos procedimentos para a gestação que já estão em uso (LOURO, 2000).

A fim de entendermos melhor de que forma se constroem identidades e práticas sexuais e de gênero, assim como para notarmos o poder e a eficácia de pedagogias culturais, possivelmente será melhor compreender o poder como distribuído, multifacetado e produtivo, ao invés de aceitar uma ideia de poder central, unidirecional ou simplesmente repressor (LOURO, 2007).

Podemos pensar, acerca de tantas mudanças, na imagem atual dos metrossexuais, que combina gênero e sexualidade com subjetividade na medida em que constrói o corpo do homem transfigurado pelo mercado. A imagem do metrossexual não implica apenas uma transformação corporal, mas também vislumbres da subjetividade masculina para abrir espaço às diferentes formas do masculino.

Para Michele Araújo da Costa Oliveira e André Luiz Maranhão de Souza Leão (2012), o metrossexual, mesmo sendo biologicamente um homem, passa de agente ativo a agente passivo, sujeito à tarefa de atratividade e imagem. Ele deixa de ser uma entidade observadora e desejante - características profundamente masculinas - para ser um sujeito observado e desejado, que é território tradicionalmente feminino.

Então, percebemos que sexo, gênero e sexualidade se confundem com a influência cultural da moda, tendências de mercado e música. As sobancelhas erguidas, os corpos raspados, o exercício na academia e a vigilância da dieta tornam-se agentes da nova construção do masculino, apontando para masculinidades transgressivas para identificar aqueles homens que, em seu corpo e em sua subjetividade, transcendem o masculino para recriar um outro que parece ser um agente de sua história e evidência de uma nova proposta de ser homem.

Segundo Stuart Hall (1997), a globalização teve grande influência sobre as tendências culturais de etnia, nacionalidade, bem como as de gênero e de sexualidades, sendo assim, é possível encontrar diferentes formas de manifestações culturais e étnicas. Em relação à questão das identidades, José Carlos Barcellos afirma que:

a interpretação é um processo existencial de tomada de consciência da própria identidade por parte do sujeito no momento mesmo em que este se abre à alteridade da tradição que o constitui e que não se reduz de forma alguma a uma ficção discursiva. Logo, a identidade nesse sentido deixa de ser vista como fator homogêneo e passa a ser analisada pelo viés da alteridade, que nada mais é do que o contato com culturas e sujeitos diferentes (2006, p. 69).

Nesse sentido, as identidades passaram a ser consideradas como móveis e estão em constante mudança, sendo transformadas pelos sistemas culturais nos quais os sujeitos estão inseridos. O sujeito contemporâneo assume diferentes identidades que não são homogêneas, pois ele é marcado por identidades contraditórias, levando-o a diferentes rumos. Dessa forma:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2002, p. 13).

Com essa afirmação de Hall, podemos dizer que a ideia de identidade fixa e imutável se tornou inviável nesse mundo globalizado. Isso tendo em vista o pressuposto de que à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o sujeito passa a se confrontar com uma multiplicidade de identidades, deixando prevalecer, assim, a que lhe convém, mesmo que por pouco tempo.

Existem várias maneiras de se fazer mulher ou homem, assim como há muitas possibilidades de vivenciar prazeres e desejos corporais sendo sugeridas, anunciadas e promovidas socialmente, atualmente com muito mais exposição do que antigamente. Essas formas de ser, ao mesmo tempo, continuam sendo renovadas, reguladas, condenadas ou negadas, ampliando o debate que se iniciou na década de 1960 sobre identidades e práticas sexuais e de gênero por todos os que se enquadram nessa situação (LOURO, 2000).

Voltando a tratar das tecnologias, notamos que não somente em relação à reprodução elas atuam na vida dos homossexuais, mas que sua presença ecoa esse esforço de imagem corporal construída precisamente sob o bisturi. Atualmente, o corpo é construído em tecnologia, transcendendo a referência de gênero biológico para a transformação. O corpo é então esculpido, moldado, ajustado às normas internalizadas das expectativas sociais.

Acreditamos que o gênero, na medida em que se estabelece naquele corpo, é incorporado como imagem fiel do modelo hegemônico. É por meio da tecnologia que o corpo deixa de ser um objeto permanente, mas, fazendo alusão à arte, ele se torna a tela do pincel sobre a qual a imagem desejada é recriada. Jogando fora a imagem permanente e essencial, as novas tecnologias mostram as possibilidades de transformação ao corpo desejado.

O que notamos é um sistema binário que disciplina, normatiza o corpo e no qual a heterossexualidade ganha expressão social de acordo com o gênero que corresponde ao sexo biológico, genitalizado, aceito como o único natural, determinado e pré-discursivo, manifesto e não dependente da cultura. Assim, o gênero se torna não apenas o mediador, mas também o responsável pela revelação das supostas coerência e unidade entre anatomia, comportamento, sexualidade e identidade, explica Rogério Diniz Junqueira (2007).

Percebemos que, livres da sujeição da permanência do biológico e como evidência máxima de que o corpo é cultura e se transforma pela ação social, os corpos atuais passam por múltiplas intervenções para modificar o corpóreo. De imagens censuradas de tatuagens a *piercings*, lipoaspiração, cirurgias de rosto e esculturas corporais com implantes de silicone, *botox* e tantos outros, o corpo deixa de ser o que era para se tornar o que queria ser.

Mesmo que a maior parte das sociedades, ao longo da história, tenha estabelecido uma divisão binária entre masculino e feminino como sendo uma divisão fundamental e tenha entendido essa divisão como a representação do corpo, não se pode concluir, a partir disso, que as identidades de gênero e sexuais sejam iguais em todas as culturas. “Identidades de gênero e sexuais, quando conceituadas na ótica dos Estudos Culturais ou na perspectiva pós

estruturalista, admitem e supõem deslizamentos e, dificilmente, podem encaixar-se com exclusividade num único registro” (LOURO, 2007, p. 215).

Para Flávio Pereira Camargo (2018), a indiferença em relação à diversidade, em conjunto com o escárnio, ocorre porque é negada às pessoas gays a condição de corpos que tenham importância, que tenham valor. Ao contrário, a sociedade se esmera em tolher a dignidade e a humanidade devida a esses corpos que são tidos como abjetos, que podem ser descartados, isolados da convivência social.

Para Graziela Zanin Kronka (2003), a literatura sobre a homossexualidade e, mais especificamente, sobre o movimento organizado, indica que a militância homossexual, até 1960, esteve baseada em estereótipos e em padrões que distinguiam posições bem claras e distintas de ser homossexual. Por um lado, reconhecia-se a lésbica masculinizada como homem, e ela mesma se reconhecia assim; por outro lado, o gay muito afeminado era conduzido à categoria de transformista. Esse padrão remetia a uma organização das relações sociais assinaladas pela oposição centro / margem, relegando os homossexuais e demais minorias à marginalidade.

Para Didier Eribon (1981), a identidade homossexual é imbuída de preconceitos e não aceitação, até mesmo pelos próprios homossexuais, uma vez que a história e cultura da sociedade, ao longo dos anos, destinou uma espécie de negação a tais formas de se relacionar. Observamos que essa questão relacionada à identidade gay faz surgir aquilo que Judith Butler (2010) caracteriza como abjeção, uma vez que há um olhar pejorativo e torpe às pessoas que apresentam identidades que não seguem os padrões heteronormativos. Ademais, é imprescindível enfatizar que a identidade deve ser vista como algo em constante transição e não como um fator único e acabado.

Neste sentido, o fato de o homossexual não se assumir como heterossexual é um ato de resistência à norma, demandando o questionamento dessa norma, mas categorizando o sujeito como sendo um estranho no seu meio, porém como alguém com disposição para legitimar a sexualidade que não é legitimada socialmente (PORTO, 2006).

Simião Mendes Júnior (2019) aponta que, ao mesmo tempo em que se nota o crescimento do discurso de ódio e dos atos violentos contra as minorias e, principalmente, à comunidade LGBTQIA+ nos meios de comunicação, especialmente nas redes sociais, estimulados por asseverações de representantes da política e de figuras públicas que espalham opiniões e comentários preconceituosos e muitas vezes criminosos sobre a comunidade gay,

percebemos, em paralelo, que há uma abertura em várias produções midiáticas sobre a temática e que existem personagens nas novelas globais que não se apresentam mais de forma caricata, mas assumindo sua identidade em cenas que mostram beijos, carinhos entre casais homoafetivos, além de filmes nacionais e internacionais aplaudidos pela crítica.

No conto brasileiro do século XX não é sempre que o discurso do homossexual aparece na obra literária, preferindo-se, muitas vezes, tratar as relações homoeróticas pelo discurso do narrador observador, em poucas oportunidades comprometido com um olhar crítico acerca do que é relatado e com muita inclinação a tratar a personagem homossexual de maneira ambígua, ocultando sua identidade ou não lhe dando voz (PORTO, 2016).

Conforme André Luis Mitidieri e Flávio Pereira Camargo (2015), tomando-se como modelo o cenário norte-americano, a cultura gay antes dos protestos de Stonewall (rebelião que deu origem ao Dia do Orgulho Gay, em 1969), antecessora do movimento gay e lésbico, também precisou se isolar em guetos que, por sua vez, atuavam como mediadores entre outros similares quanto aos seus desvios de conduta e a suposta normalidade.

Quando são estudados os contos brasileiros publicados durante o século XX, mesmo sem um quantitativo preciso ou a localização exata das obras e dos autores que tratam da homoafetividade, é plausível apontar ao menos três perspectivas de abordagem da homossexualidade: a homoafetividade sugerida, a homoafetividade revelada e a homoafetividade reprimida/condenada. Vejamos:

A primeira tendência refere-se a narrativas que tratam da homoafetividade de forma velada, mais sugerindo o envolvimento amoroso e/ou sexual entre sujeitos do mesmo gênero do que registrando a relação homoafetiva. Nesse caso, o narrador, através de seu discurso, assume um papel fundamental: sugerir em vez de dizer o encontro amoroso e/ou sexual entre dois homens ou duas mulheres, havendo um espaço reduzido ou inexistente para a voz do sujeito homossexual. Já a segunda tendência engloba narrativas que optam pelo registro claro da experiência homoafetiva, ora acentuando a vivência do amor, ora a dificuldade de concretização amorosa entre parceiros, ora destacando o prazer da sexualidade excêntrica. A voz dessa expressão amorosa e/ou sexual pode ser concretizada tanto através do discurso do narrador quanto do personagem. A terceira tendência refere-se a narrativas em que a homoafetividade é condenada pelo eu ou outro, ou seja, tanto pelo sujeito homossexual que se autorreprime pela vivência contrária à heteronormatividade quanto pelos outros, a sociedade representada na história através do discurso de narrador ou personagem que, em atenção a padrões de comportamento legitimados socialmente, impõem resistência ao prazer e ao amor na relação homossexual (PORTO, 2016, p. 82).

Nessa perspectiva, Nestor Garcia Canclini (1997) considera que é necessário que se enxergue a cultura e, respectivamente, a identidade como fatores híbridos, pois cada indivíduo apresenta sua própria subjetivação, e que a identidade se faz híbrida não somente pelo fator de que há na sociedade múltiplas faces desta, mas também pelo fato de que a identidade de cada indivíduo se transforma através das relações e vivências ao longo dos anos.

Eve Kosofsky Sedgwick (2007), pesquisadora norte-americana, assegura que o símbolo do “armário” ou o “segredo aberto” deixou muitas marcas na vida dos homossexuais no século XX e continuou a deixar outras mesmas depois da rebelião de Stonewall, em 1969. Até mesmo na vida privada, no âmbito individual, e entre sujeitos assumidamente gays existem muitos que ainda não saíram do armário, ou seja, ainda não se assumiram para pessoas que sejam importantes para eles, seja em nível pessoais, econômico, profissional ou institucional.

Mesmo um homossexual assumido tem que lidar cotidianamente com interlocutores que ele não tem certeza se sabem de sua condição ou não; por isso, o armário gay ainda é peça fundamental no âmbito social, e são poucos os homossexuais, por mais que sejam assumidos e abertos quanto à sua condição, por mais apoio que recebem da família, dos amigos e da comunidade, que não tenha o armário como uma presença formadora (SEDGWICK, 2007).

As artes geralmente tratam da singularidade do sentimento de solidão, da inocência perdida, da crise identitária e até das dificuldades de adaptação na escola, temas que constam, por exemplo, nas letras da Legião Urbana, junto às questões relativas ao afeto, à vida política e à sexualidade. Entretanto, ao contrário de muitos autores que optam pela sutileza e a ambiguidade, Renato Russo elege o registro quase sempre na primeira pessoa, preferindo apostar numa imagem de sinceridade que, ainda hoje, faz que seu público realize uma leitura direta entre o conteúdo das letras e a vida/verdade do cantor (MITIDIERI; CAMARGO, 2015).

Para Homi Bhabha (2012), a sociedade desde o princípio elencou preceitos sobre os atos dos indivíduos, indiscutivelmente sobre as relações homoeróticas. Observamos que o corpo social se fundamenta historicamente através dos parâmetros heteronormativos, causando, portanto, estereótipos que se enraizaram ao longo dos anos acerca do relacionamento gay.

A epistemologia do armário garantiu uma estrutura que abrangeu a cultura e a identidade gays durante o século XX, mas isso não nega as possibilidades decisivas no

entorno e fora do armário que sofreram mutações importantes para os homossexuais. É ousado ressaltar a continuidade e centralidade do armário num discurso histórico que não possua como suporte uma visão salvacionista – alocada no passado ou no futuro – de sua ruptura apocalíptica. Uma análise que necessite dessa disposição utópica poderá arriscar a exaltação do próprio armário, embora que somente por omissão, apresentando como forçadas ou corretas, de algum modo, suas exigências, deformações e a impotência causadora de dor (SEDGWICK, 2007).

É curioso observar que termos como “viado”, “fresco”, “machona”, foram empregados por pessoas que faziam parte de instituições repressoras: a igreja apossou-se dos termos pederastia e sodomia para caracterizar o pecado nefando; a imprensa, embasada em concepções discriminatórias, pôs em circulação termos que difamavam o comportamento efeminado de personalidades da época que possuíam esse perfil (FERNANDES, 2012).

É interessante desconfiar das atitudes aparentemente tolerantes e que teoricamente acolhem as diferenças de gênero e de sexualidade com a intenção de, mais à frente, partindo de uma postura benevolente e superior, manter tais sujeitos e práticas no lugar que lhes acham devidas, ou seja, na condição de diferentes. Parece que esse é futuro político que garante a identidade homossexual e é aí que moram a afinidade e a questão em comum, embora haja diferenças entre esses sujeitos, como entre quaisquer grupos (LOURO, 2007).

O que tem mudado na contemporaneidade é o enfoque nos Estudos Culturais, que visam desconstruir tais estereótipos, pois, como afirma Canclini (1997), a identidade não pode ser dada, muito menos ter um modelo pronto, uma vez que esta depende das relações incessantes dos indivíduos.

Sendo assim, compreendemos que as questões acerca da identidade, imprescindivelmente sobre a identidade gay, têm sido objeto de grande destaque em relação a análises críticas. É necessário entender que a formação de uma identidade está relacionada a múltiplos fatores recorrentes na vida social de cada indivíduo, fazendo com que tal termo seja visto como um conceito mutável.

1.1.2 Questões multiculturais em torno de Elio

O conceito de identidade tem sido bastante discutido nos estudos culturais. De acordo com Stuart Hall (2006), não se pode definir a identidade enquanto um fator pronto e acabado, visto que se trata de algo dependente das relações do indivíduo, algo que acontece no romance

Me chame pelo seu nome, de André Aciman, em que o narrador-personagem se constitui enquanto sujeito híbrido pela multiplicidade de culturas que o engloba em suas vivências.

Dessa forma, este subcapítulo buscará analisar os aspectos multiculturalistas que formam e transformam a identidade de Elio, dando enfoque à sua transição de adolescente ingênuo para um ser autônomo, perante seus sentimentos e desejos. Inicialmente, faremos uma breve abordagem acerca da cultura judaica com a moderna, observando como essa dialética se instaura na narrativa, observando, ainda, como a multiplicidade de culturas interfere de forma abrangente no processo de formação do narrador-personagem.

Na análise do romance *Me chame pelo seu nome*, assim como na leitura crítica sobre alguns aspectos da cultura judaica que são citados no decorrer do livro, julgamos importante abordar a identidade e os aspectos multiculturais da personagem Elio: ainda que tenham sido discorridos anteriormente, serão desenvolvidos de maneira mais aprofundada a fim de alcançar o objetivo do presente trabalho. Portanto, sabendo que a obra vai além de questões sexuais e amorosas, levando em si a vivência como forma principal para o desenvolvimento da identidade, é viável percebermos a influência do meio nesse contexto.

No que concerne ao conteúdo inserido no romance, torna-se quase impossível falar da trama sem falar sobre a construção da identidade da personagem Elio, visto que a adolescência é, sobretudo, o ápice do conhecimento sobre si. A história traz em si a exploração de diversos temas por meio do ambiente ao qual Elio está incluso, bem como em função de sua idade e suas relações interpessoais. Vale notabilizar ainda que, frente à questão que envolve o discurso homoafetivo, o autor se mostrou interessado em mostrar outra visão dessas pessoas.

O multiculturalismo é realidade em diversas partes do mundo, sobretudo, em virtude da colonização e da inserção das pessoas de outros países a fim de realizarem trabalhos ou para exploração. Nesse sentido, os indivíduos, na busca por sua identidade, se apegam aos valores que demonstram uma espécie de “exclusividade” cultural. Logo, é possível perceber a tentativa de encontrar a si mesmo, no entanto, diante do comportamento do personagem, é sabido que a construção da identidade não precisa, necessariamente, ser pautada em características exclusivas de seu grupo étnico ou social.

Elio mostra, durante a sua descoberta, no percurso da construção de sua identidade em um meio multicultural, que não é preciso, necessariamente, ter uma característica exclusiva de determinado grupo. Tal fato se dá, sobretudo, em função do judaísmo que, por hora, se mostra

conservador. No entanto, com o decorrer do romance é evidente que o personagem adquire um pouco de cada cultura, de modo a se construir da maneira como é melhor para si.

A identidade é baseada em diferenças que, por sua vez, pode ser mais evidente ao envolver grupos étnicos, de modo que se expressam em determinados lugares e situações. Em segundo plano, ao construir uma análise voltada para a personagem Elio, deve ser considerado o fato de que este, no decorrer do romance, mostra os diferentes pontos de vistas que são oriundos das distintas identidades com as quais tem acesso. Vale ressaltar que, além de sua família, Elio tem contato com outras pessoas, como Oliver, e, por conseguinte, incorpora em si um pouco de cada, visando se desenvolver da melhor maneira e, principalmente, com o intuito de se encontrar e se descobrir.

É perceptível que a família de Elio, ainda que guarde determinadas questões judaicas, proporciona à personagem autonomia e independência. Todavia, a relação é rodeada de questões tradicionais e conservadoras, haja vista a participação desses quesitos no meio social. Sabe-se ainda que as identidades, ainda que sejam diferentes, possuem alguns pensamentos que vêm das gerações mais antigas, assim como é explicitado no livro, pois

O filho é instalado no quarto que era de seu avô, com nome homônimo ao neto. Ou seja, mesmo que Elio tenha certo campo acional de inclusão entre seus desejos e sonhos com os da parentalidade mais próxima, a voz antiga do avô – familiar e étnica – também lhe falará aos ouvidos, avaliando e tentando direcionar seus desejos e sonhos (SANTANA; SOUZA; MOTA, 2018, p. 6).

Em síntese, após analisar a postura e, sobretudo, os aspectos culturais que envolvem a construção da identidade multicultural de Elio, é sabido que a personagem não considerará em si, alguma característica que diferencie das demais culturas. Logo, o fato de, conforme fora apontado anteriormente, procurar por característica exclusiva de sua religião, por exemplo, não será o suficiente para compor sua identidade. Posto isso, Elio poderá agregar à sua identidade todas as características com as quais teve contato, de modo que ele será o responsável por selecionar aquelas com as quais melhor se identificou.

A família de Elio se caracteriza como multiculturalista em seus traços étnicos, pois esta apresenta elementos culturais advindos de linhas judaicas, americanas e italianas. Esse hibridismo cultural apresenta diversos impactos na identidade do narrador-personagem em questão, uma vez que, como afirma Hall (2011), a identidade do sujeito não se qualifica como algo inacabado, mas sim um fator que está sempre em formação.

Hall ainda afirma que a identidade está ligada com as relações dos indivíduos, pois

as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído (2011, p. 110, grifos do autor).

Nessa perspectiva, observamos que a identidade de Elio vai se instituindo a partir do contato deste com os distintos sujeitos e culturas que o circundam. Sendo assim, é possível afirmar que o romance pode ser visto como uma narrativa de formação, visto que o narrador-personagem descreve, ao longo do livro, suas principais peripécias que o vão moldando constantemente.

Ao falar em identidade, Canclini (2006, p. 131) percebe que tal fator pode ser conceituado como “poliglota, multi-étnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas”. Essa afirmativa pode ser vista, amplamente, na narrativa em discussão, porque é a formação multicultural de Elio e suas vivências com múltiplos sujeitos que o compõe enquanto um sujeito híbrido, inserido em um contexto familiar multicultural.

Além de Elio pertencer a uma base étnica cultural, ele tem o contato abrangente com pessoas pertencentes a diferentes etnias, culturas e identidades, pois durante todo verão sua família costumava receber em sua casa pesquisadores de todos os lugares do mundo. Vejamos:

Receber hóspedes no verão era o modo como meus pais ajudavam jovens escritores a revisar um manuscrito antes da publicação. Por seis semanas, todo verão, eu tinha que desocupar meu quarto e me mudar para o quarto ao lado no corredor, muito menor, que um dia pertencera ao meu avô. Durante os meses de inverno, quando estávamos na cidade, aquele cômodo temporariamente virava um quartinho de ferramentas, depósito e sótão onde, diziam, meu avô, meu homônimo, ainda rangia os dentes no sono eterno. Os hóspedes de verão não precisavam pagar nada, podiam usufruir de toda a casa e praticamente fazer tudo o que quisessem, desde que passassem por volta de uma hora por dia ajudando meu pai com sua correspondência e papelada em geral (ACIMAN, 2018, p. 10).

Notamos que Elio tem ampla vivência com vários aspectos culturais. Ainda nesse raciocínio, é possível analisar que ele, por ter pais universitários e que sempre buscaram incentivar a autonomia de seus atos, absorve gradativamente os traços culturais dos indivíduos com os quais têm contato, fazendo com que ele apresente um conhecimento intelectual e cultural vasto.

O multiculturalismo na família do narrador-personagem se apresenta tão intrínseco que sua casa, diariamente, recebe visitas durante as refeições de pessoas com as mais diferentes identidades, como vemos no fragmento abaixo:

Durante as refeições, sempre havia mais dois ou três convidados, às vezes vizinhos ou parentes, às vezes colegas, advogados, médicos, os ricos e famosos que davam uma passada para ver meu pai a caminho de suas casas de veraneio. Às vezes até abríamos a sala de jantar para um ou outro casal de turistas que tinha ouvido falar da antiga *villa* e queria apenas entrar para dar uma olhada. Pessoas que ficavam encantadas quando as convidávamos para comer conosco e lhes pedíamos que nos contassem tudo a seu respeito (ACIMAN, 2018, p. 11, grifo do autor).

Para a família de Elio, era imprescindível que se tivesse esse contato excessivo com pessoas das mais diversificadas culturas, pois esse contato desencadeava uma perspectiva de mundo vasta, corroborando, portanto, com a formação constante do sujeito.

É possível enfatizar que foi justamente esse contato abrangente do narrador-personagem com as diferentes linhas culturais que o possibilitou ter relações profícuas com Oliver, que era sete anos mais velho do que ele. Apesar da diferença de idade, ambos conseguiam se comunicar sobre os mais distintos assuntos. Oliver chega a questionar o amplo conhecimento de Elio, que se fundamenta pelo fato de seus pais serem professores universitários que sempre incentivaram o conhecimento intelectual através dos livros e das inter-relações multiculturais.

Durante o enredo, é notório que as exterioridades culturais se caracterizam como um dos aspectos temáticos da narrativa, tendo em vista que, durante a viagem de Elio e Oliver à Roma, em contato com um poeta que acabara de lançar seu livro de poemas, o mesmo conta suas principais peripécias vividas em sua estadia na Tailândia, em que caracteriza as pessoas daquela região da seguinte maneira:

- Todos são lindos, mas lindos de uma maneira excepcionalmente híbrida e mestiça, e foi por isso que quis ir para lá – disse o poeta. – Não são asiáticos, nem caucasianos, e euroasiáticos seria um termo muito simplório. São exóticos no sentido mais puro da palavra, mas não são estranhos. São pessoas que reconhecemos imediatamente, embora nunca as tenhamos visto, e não há palavras para o que causam em nós nem para o que parecem querer de nós. No início achei que eles pensavam de um jeito diferente. Depois percebi que sentem de um jeito diferente. Depois, que eram indescritivelmente doces, doces como não conseguimos imaginar que alguém seja por aqui. Ah, podemos ser gentis, amáveis e muito, muito calorosos à nossa maneira mediterrânea ensolarada e apaixonada, mas eles são doces, abnegadamente doces, doces em seus corações, doces em seus corpos, doces sem

nenhum toque de mágoa ou malícia, doces como crianças, sem ironia ou vergonha (ACIMAN, 2018, p. 221).

Diante desse vislumbre com as diferenças culturais que permeiam o mundo, compreendemos que tal miscigenação de identidades, na narrativa, não é vista como uma problemática, mas sim como uma riqueza da formação contínua do sujeito.

Observamos que, apesar de Elio se caracterizar como um indivíduo imbuído de multiculturalismo, esse, ainda assim, sente certo distanciamento acerca de sua própria identidade, quando ele se descobre enquanto sujeito gay, através do desejo que sente por Oliver e, posteriormente, das relações homoeróticas irá que manter com ele.

É possível analisar que esse distanciamento de Elio com seu próprio eu se estabelece a partir das tensões emblemáticas de sua formação étnica, dado que o protagonista sente o peso do tradicionalismo judaico em confronto com a liberdade que desencadeara através de suas múltiplas relações contemporâneas.

Por mais que os pais de Elio sejam liberais e sempre buscaram incentivá-lo a ser um indivíduo autônomo perante seus sentimentos e atitudes, ele, por diversas vezes, se questiona acerca de sua relação com Oliver, uma vez que sua cultura judaica pesa em algumas de suas atitudes e desejos. Vejamos:

Não tente, não tente isso, Elio. Era a voz do meu avô. Eu recebera o nome dele, e meu avô estava falando comigo da mesma cama na qual tinha atravessado uma divisa muito mais ameaçadora do que a que existia entre meu quarto e o de Oliver. Volte. Quem sabe o que você vai encontrar naquele quarto? Não o tônico da descoberta, mas a mortalha do desespero quando o desencanto tiver tomado cada nervo de seu corpo. Os anos estão olhando para você agora, cada estrela que você vê hoje já conhece seu tormento, seus ancestrais estão reunidos aqui e não têm nada a oferecer ou dizer, Non c'andà, não vá até lá (ACIMAN, 2018, p. 149-150).

O desejo por Oliver é colocado em questão quando Elio se indaga acerca dos preceitos morais do conservadorismo de seus antepassados, ocasionando, consecutivamente, uma relutância de seus sentimentos e desejos.

Tal relutância parte do entendimento do narrador-personagem sobre a configuração de uma sociedade heteronormativa, adjunta aos aspectos morais da cultura judaica, na qual ele se questiona diversas vezes sobre os pensamentos de seus antepassados acerca de suas atitudes e desejos, causando, assim, tensões psicológicas e físicas.

Essas tensões conflitantes, vivenciadas por Elio, fazem com que ele indague sobre si próprio, bem como sobre seus desejos:

O que jamais imaginei foi que alguém que vivia debaixo do nosso teto [...] que alguém que fazia parte do meu mundo poderia gostar do que eu gostava, querer o que eu queria, ser quem eu era. Isso nunca me passaria pela cabeça porque eu ainda estava sob a ilusão de que, a não ser pelo que eu lia em livros, deduzia de boatos e ouvia de *conversas indecentes*, ninguém da minha idade jamais quis ser homem e mulher – com homens e mulheres. Eu já tinha sentido desejo por outros homens da minha idade e dormido com algumas mulheres. Mas antes do dia em que ele saiu daquele táxi e entrou em nossa casa, nunca teria parecido minimamente possível que alguém tão jovem e tão em paz consigo mesmo desejaria compartilhar seu corpo comigo tanto quanto eu desejava entregar o meu (ACIMAN, 2018, p. 34, grifos nosso).

É possível observar que Elio considera seus desejos como não pertencentes à sua cultura, uma vez que este, por mais que tenha tido uma formação fora dos padrões tradicionalistas, sente-se como sujeito errante acerca da descoberta de sua sexualidade. A partir dessas configurações conflitantes observamos um adolescente indeciso quanto às escolhas que faz (SANTANA; SOUZA; MOTA, 2018).

De acordo com Sigmund Freud (1996), a sexualidade não é dada aos indivíduos, mas sim, vai se constituindo através de um “aspecto impulsional”, que se caracteriza pelos modos de satisfação sexual. Notamos que essa teoria coincide com os estudos desenvolvidos por Michel Foucault (1990), pois este percebe que a formação da sexualidade dos indivíduos está sujeita a incessantes transformações, sendo dependente das vivências e convivências do ser humano, o que se concretiza na narrativa analisada, em que Elio desperta seus desejos homoeróticos através da relação que instaura com Oliver.

Conforme Bhabha (2012), a diferença cultural é caracterizada pela sociedade a partir de estereótipos, que surgiram desde a antiguidade histórica, em busca de priorizar uma cultura padronizada, fazendo surgir, portanto, diversificados discursos de negação que se fecundam na sociedade desde os tempos remotos. Ainda de acordo com Bhabha (2012), tais discursos visam normatizar aquilo que o corpo social considera como padrão. Nessa vertente, Foucault traz a seguinte concepção: “porque cada efeito entra em ressonância ou contradição com os outros e, assim, clama por um reajustamento ou um retrabalhar dos elementos heterogêneos que sobem à superfície em pontos vários” (1980, p. 195).

A partir do excerto de Foucault, é possível entender a relutância de Elio com seus traços que não se coincidem com a padronização cultural, fazendo-o se questionar diversas vezes sobre a racionalidade de seus atos. Apreendemos, ao longo da narrativa, que esses questionamentos constantes desencadeiam uma série de sentimentos na personagem

protagonista, dentre tais sentimentos observamos com ênfase o medo e a auto aversão, que podem ser observados na seguinte passagem do romance:

Talvez eu quisesse que ele ao menos falasse que não havia nada de errado comigo, que eu não era menos humano que qualquer outro cara da minha idade. Eu teria ficado satisfeito e não pediria mais nada, se ele simplesmente se abaixasse para recolher a dignidade que eu tinha lhe entregado com tanta facilidade (ACIMAN, 2018, p. 150).

Diante dessa passagem, percebemos a transgressão de Elio perante seus sentimentos, visto que ele sentia constantemente que havia algo de errado com ele. O trecho em questão também deixa em evidência o sentimento de estar só no mundo, onde não há ninguém com quem possa dividir seus medos e conflitos identitários. Tais sentimentos são resultantes de um processo histórico do qual nos fala o teórico Carlos Eduardo Fernandes (2012), dado que sempre existiram padrões normais e anormais para as formas de amar. Dessa forma, compreendemos a dialética entre as relações homossexuais e heterossexuais, pois a homossexualidade sempre foi taxada na sociedade como doença ou perturbação aos valores morais, diferentemente da heterossexualidade que durante toda a história da humanidade se caracteriza como ideal e sublime. Dessa forma, Elio se sente deslocado desses padrões aceitáveis pelo corpo social.

O labirinto da auto aversão e do medo vai ganhando forma ao longo de cada página do enredo, como ocorre na seguinte passagem:

Mas todas aquelas horas eram marcadas pelo medo, como se o medo fosse um fantasma, ou um pássaro estranho e perdido preso em nossa cidadezinha e cuja asa escura lançava sobre cada ser vivo uma sombra que jamais dispersaria. Eu não sabia do que eu tinha medo, ou porque me preocupava tanto, ou porque aquela coisa que me causava tanto pânico às vezes parecia esperança e, como a esperança nos momentos mais sombrios, trazia tanta alegria, uma alegria irreal, uma alegria que trazia consigo uma armadilha. A forte batida do meu coração quando ele aparecia sem aviso me aterrorizava e me fazia vibrar ao mesmo tempo. Eu tinha medo quando ele aparecia, medo quando não aparecia, medo quando ele olhava pra mim, ainda mais medo quando não olhava. Por fim, a agonia me esgotava e, nas tardes escaldantes, eu simplesmente me entregava e caía no sono no sofá da sala e, embora sonhasse, sabia exatamente quem estava no cômodo, quem entrava e saía de fininho, quem parava por ali, quem ficava olhando pra mim e por quanto tempo, quem tentava pegar a seção desejada do jornal do dia fazendo o mínimo de barulho possível e acabava desistindo e procurando pela programação do cinema sem se preocupar se ia me acordar ou não (ACIMAN, 2018, p. 73).

O que podemos analisar a partir dessa passagem é certa confusão na mente de Elio, pois ao mesmo tempo em que sentia medo do desejo que tinha por Oliver sentia também certa alegria e esperança. Diante disso, notamos que o medo não consegue consumir tal personagem a ponto de não mais desejar Oliver, o que faz com que Elio o deixe sobressair perante o medo, como lemos no fragmento abaixo:

Mas eu amava o medo — se era realmente medo —, e isso meus ancestrais não sabiam. Era o lado subjacente do medo que eu amava, como a lã mais macia encontrada na barriga da ovelha mais áspera. Eu amava a ousadia que me impulsionava, me excitava, porque eu tinha nascido da excitação. “Você vai me matar se parar...” Ou seria: “Vou morrer se você parar.” Cada vez que eu ouvia essas palavras, não conseguia resistir (ACIMAN, 2018, p. 150).

Diante do excerto exposto acima, percebemos que o medo não consegue controlar o desejo homoerótico de Elio, posto que, ao longo do enredo, vemos suas memórias carregadas, porém não controladas, pelo medo que sentia. Portanto, esse fragmento mostra que a narrativa se caracteriza por uma memória da formação identitária de Elio, na qual o narrador precisou superar o fardo tradicionalista de sua etnia judaica, para então ceder a seus desejos e a sua identidade, que está em processo de descoberta por ele.

Platão, no *Banquete*, em seu discurso sobre a questão do amor, afirma o seguinte:

Outrora a nossa natureza era diferente da que é hoje. Havia três sexos humanos e não apenas como hoje dois o masculino e o feminino, mas acrescentava-se mais um, que era composto ao mesmo tempo dos dois primeiros, e que mais tarde veio a desaparecer, deixando apenas o nome: *andrógino*. Este animal formava uma espécie particular e o nome hoje não passa de insultuoso epíteto (2011, p. 144, grifo do autor).

O que compreendemos a partir desse excerto do *Banquete*, de Platão, é que, na Antiguidade, a homossexualidade era vista como um terceiro sexo. A partir das relações de poder bem como dos estereótipos criados pela sociedade heteronormativa, esse terceiro sexo começou a ser apenas um insulto injurioso. Diante disso, torna-se claro os sentimentos de Elio perante sua condição de sujeito gay, uma vez que este compreende o peso do julgamento da sociedade acerca de tal condição.

Para Platão (2011), o amor é sempre vinculado ao desejo, um desejo que parte da busca pela completude do indivíduo, ou seja, para ele, as pessoas estão sempre em busca do

outro para garantirem a plenitude de sua felicidade, sendo incapazes de adquiri-la sem o outro, daí a busca constante pela completude.

É exatamente a ausência que marca a essencialidade do ser finito e cindido, que transforma em interminável a procura do desejo, pois mesmo quando alcança seu objeto e nele localiza o contentamento que cobiça, este contentamento em lugar de ser o ponto de chegada que cessa à busca do desejo, é o ponto de princípio de novas procuras e de novos desejos. Dessa forma, para Platão, *Eros* (amor) jamais se contenta e está, consecutivamente, na busca de um bem elevado, que só pode ser localizado na contemplação alegórica do bem em si no mundo das concepções.

A partir das concepções de Platão, podemos fazer um paralelo com o romance aqui discutido, uma vez que Elio apresenta certa lacuna que precisava se preenchida devido a suas poucas relações afetivas e laços estritamente seletivos. Acerca disso, o narrador traz a seguinte percepção:

Sempre diziam que eu me apegava demais às pessoas. Naquele verão, no entanto, finalmente entendi o que eles queriam dizer com apegar demais. Obviamente já tinha acontecido antes, e eles provavelmente haviam percebido quando eu era novo demais para perceber por mim mesmo. Aquilo disparou alarmes em suas vidas. Eles se preocupavam comigo. E eu sabia que o sentimento não era infundado, só esperava que nunca soubessem o quanto as coisas tinham avançado para além de suas preocupações comuns. Sabia que não suspeitavam de nada, e isso me preocupava — ainda que eu não quisesse que suspeitassem (ACIMAN, 2018, p. 60).

Nesta perspectiva, fica evidente que os pais do narrador-personagem observam a timidez e o vazio afetivo que o filho apresentava, sabendo, portanto, que este desenvolveria facilmente um apego excessivo com outros indivíduos em busca de sua completude, o que ocorreu no verão de 1983, em que este se afeiçoa amplamente com Oliver.

Como afirma Georges Bataille (1987), o desejo está relacionado com a subjetividade de cada indivíduo, portanto, não se pode estabelecer padrões para tal fator. É justamente essa despreensão do desejo que possibilita as relações homoeróticas, sendo assim, é imprescindível entender que não é possível fazer uma contenção desse sentimento, mesmo que haja certa relutância por parte dos indivíduos que o sentem.

Nessa vertente, observamos que Elio e Oliver, por mais que tentem se conter, não conseguem deixar de se atraírem sexualmente e afetivamente, o que gera um deslocamento

das personagens com a cultura heteronormativa que ainda se faz presente na sociedade, cultura esta que se fundamenta em preceitos patriarcais.

Por mais que Elio pertencesse a uma família liberal, ou seja, uma família que não estava presa aos padrões estabelecidos daquela época, este sabia do peso que seus desejos poderiam lhe causar devido aos julgamentos sociais:

Não havia com quem conversar. Para quem eu poderia contar? Mafalda? Ela iria embora. Minha tia? Provavelmente ela contaria para todo mundo. Marzia, Chiara, meus amigos? Todos me abandonariam em um segundo. Meus primos quando viessem? Nunca. Meu pai era extremamente liberal – mas e quanto a isso? Quem mais? Devia escrever para alguns dos meus professores? Consultar um médico? Dizer que precisava de um psicólogo? Contar ao Oliver? (ACIMAN, 2018, p. 75).

Entendemos, dessa forma, que Elio se sentia deslocado quanto à cultura vigente na sociedade, ocasionando, conseqüentemente, conflitos internos na busca da contenção do desejo que tinha por Oliver. Vemos, ainda, o medo de dividir sua identidade com seu grupo social; um medo que decorre do peso dos julgamentos heteronormativos. Tal relutância pode ser vista no seguinte fragmento:

Como a luz, no entanto, o remorso, se é que era remorso, pareceu desaparecer por um instante. Mas quando eu me deitava na cama e me sentia desconfortável, voltava em dobro, como se marcasse um ponto cada vez que eu achava que tinha sentido pela última vez. Eu sabia que ia doer. O que eu não esperava era que a dor se retorceria em golpes repentinos de remorsos. Ninguém tinha me contado sobre isso. [...] Não era ele que eu odiava – mas o que tínhamos feito. Não queria que ele olhasse dentro do meu coração ainda. Em vez disso, queria sair daquele pântano de auto aversão e não sabia como. [...] Precisava que ele ficasse o mais distante possível para ter chance de me sentir melhor e esquecer (ACIMAN, 2018, p. 160-161).

Dessa forma, Elio sente-se atraído por Oliver, pois como entende Bataille (1987), o desejo não pode ser contido e essa busca de contenção está ligada ao que Foucault (1975) configura como “relação de poder”, em que tais relações são constituídas historicamente. Logo, ao olharmos para o processo de formação social a partir da história, entendemos que desde o princípio tem-se uma constituição heteronormativa. No fragmento acima, vemos Elio assumir uma consciência de sujeito errante, já que percebe que a dor que sentia pelo ato sexual feito com Oliver não era apenas física, mas também emocional.

Nessa linha tênue entre o desejo homoerótico e os possíveis julgamentos sociais, Elio, nesse período de descoberta, acaba cedendo aos sentimentos por Oliver, uma vez que mesmo que se tenha um policiamento desse desejo não se pode contê-lo.

O ápice da narrativa, evidentemente, se apresenta no momento em que Elio tem uma conversa reveladora com seu pai:

- Olha só. Vocês tinham uma bela amizade. Talvez mais do que amizade. E invejo vocês. No meu lugar, muitos pais esperariam que a coisa simplesmente sumisse, ou rezariam para que seus filhos se reerguessem logo. Mas eu não sou como um desses pais. No seu lugar, se houver dor, cuide dela, e se houver uma chama, não a apague, não seja bruto com ela. Arrancamos tanto de nós mesmos para nos curarmos das coisas mais rápido do que deveríamos, que declaramos falência antes mesmo dos trinta e temos menos a oferecer a cada vez que iniciamos algo com alguém novo. A abstinência pode ser uma coisa terrível quando não nos deixa dormir à noite, e ver que as pessoas nos esqueceram antes do que gostaríamos de ser esquecidos não é uma sensação melhor. Mas não sentir nada para não sentir alguma coisa... que desperdício! (ACIMAN, 2018, p. 258).

Dessa forma, é perceptível que as vivências de Elio se configurem como uma reprodução do que seu pai vivera, e que por esse sentimento de deslocamento à realidade social se desprende involuntariamente do desejo homoerótico.

Durante a narrativa, notamos que o adolescente ingênuo que não tinha certeza acerca de seus atos e sentimentos dá lugar a um indivíduo autônomo, diferentemente de Oliver que se acovarda quanto à possibilidade de se instaurar um relacionamento duradouro. Elio se mostra, assim, com um caráter indômito, visto que este decide manter a chama do amor/desejo homoerótico por longos e dolorosos anos.

É perceptível que, ao contrário do que se imagina no início do romance, é Oliver quem não consegue se desligar dos preceitos conservadores da cultura judaica. Essa relutância de Oliver pode ser enxergada desde o início da narrativa, conforme vemos no fragmento que segue:

Parecia brusco, seco, desdenhoso, pronunciado com a indiferença velada de uma pessoa que talvez não se importe se vai revê-lo ou saber de você novamente. É a primeira lembrança que tenho dele, e parece que ainda hoje consigo ouvi-lo. “Até depois!” Fecho os olhos, pronuncio as palavras e estou de volta à Itália, tantos anos atrás, descendo a entrada arborizada, observando-o sair do táxi com uma camisa azul esvoaçante, o colarinho bem aberto, óculos escuros, chapéu de palha, muita pele à mostra. De repente ele está apertando minha mão, me entregando sua mochila, tirando a bagagem do porta-malas do táxi, perguntando se meu pai está em casa (ACIMAN, 2018, p. 3).

Nesse fragmento, é possível analisarmos que Oliver se porta de modo asséptico em possíveis contatos íntimos, mostrando, assim, um policiamento quanto a seus desejos. Quando Oliver percebe que está criando laços afetivos com Elio, este se afasta e parte para caminhos que satisfazem sua cultura tradicionalista, se casando e constituindo uma família tradicional. Ademais, o que verificamos com esse ato de Oliver é que este se acanha em relação a seu desejo interior por Elio.

O próprio personagem tem essa percepção de sua identidade camuflada:

— O que isso diz da vida que você viveu, então? — Parte dela... só parte... foi um coma... mas prefiro chamar de vida paralela. Soa melhor. O problema é que a maioria de nós tem... ou melhor, vive... mais do que duas vidas paralelas. Talvez tenha sido por causa do álcool, talvez fosse a verdade, mas senti que devia dizer, porque aquele era o momento para dizer. — Você é a única pessoa de quem eu gostaria de me despedir quando morrer, porque só assim essa coisa que chamo de vida vai fazer algum sentido. E se eu ficar sabendo que você morreu, a vida como a conheço, o eu que está falando com você agora, vai deixar de existir. [...] Desculpe, eu não quis ofendê-lo... tenho certeza de que no seu caso não é um coma (ACIMAN, 2018, p. 278).

Sendo assim, é notável que, certamente, Oliver manejava seus desejos desde o princípio e que este não conseguiu se desprender dos valores sociais que o acompanhavam, levando, portanto, uma vida ilusória, pois ele sentia necessidade de desfazer seu deslocamento perante a sociedade heteronormativa fazendo parte dela.

Diante das reflexões expostas no capítulo anterior, relacionadas aos aspectos multiculturais presentes no romance, bem como os aspectos identitários em torno das personagens, com foco em Elio, para que possamos entendê-las mais profundamente, faz-se necessário uma abordagem relacionada com os aspectos homoeróticos do livro, uma vez que estes estão diretamente ligados com as questões identitárias abordadas anteriormente. Logo, neste próximo capítulo, abordaremos aspectos como a tensão entre corpo e desejo, relação de poder, os corpos abjetos e a amizade como modo de vida gay entre as personagens Elio e Oliver pela perspectiva de Foucault.

2. REPRESENTAÇÕES HOMOERÓTICAS EM *ME CHAME PELO SEU NOME*, DE ANDRÉ ACIMAN

Como dissemos anteriormente, a obra *Me chame pelo seu nome* (2018), de André Aciman, representa as principais transições e descobertas de um adolescente durante um verão da década de 1980 na Itália. O romance é narrado em primeira pessoa por um de seus protagonistas, Elio, que sintetiza ao longo da narrativa os principais detalhes de sua adolescência, especificamente no ano de 1983 em que tinha 17 anos.

Percebemos, a partir das principais reflexões desse narrador protagonista, que a narrativa pode ser considerada um romance de formação, ou seja, trata-se de um romance cuja personagem principal vai construindo sua própria identidade, no qual, por meio da memória, Elio relembra suas principais descobertas no processo de maturação. A narrativa se inicia com Elio relatando sobre como costumava ser os verões em sua casa, lugar no qual seus pais, professores universitários, recebiam estudantes e pesquisadores de diversos lugares do mundo em troca de algumas ajudas simbólicas, como catalogação de objetos. Diante disso, o que observamos é que esse fator faz com que o narrador personagem tenha um vasto conhecimento acerca do mundo, mesmo sendo muito jovem para isso.

Elio sempre precisava ceder seu quarto durante os verões aos hóspedes e ficar em um pequeno quarto, o que não foi diferente no ano de 1983. Nesse ano, o hóspede que passa as seis semanas de verão nessa pequena cidade ao norte da Itália é Oliver, um rapaz de 24 anos, filósofo e que foi à Itália para acompanhar a primeira tradução de seu livro que iria ser realizada naquela região.

Oliver era amplamente diferente de todos os hóspedes que já haviam passado por ali. Este tinha uma personalidade forte e certa autenticidade em seus atos, o que chama a atenção de Elio. Ao longo da narrativa, podemos perceber que Elio começa a sentir certo desejo por Oliver e, durante grande parte do enredo, ele tenta entender tais desejos e descobrir se é correspondido.

Apesar de sentir esse desejo pelo corpo de Oliver, Elio também conseguia sentir certa atração por mulheres, já que, durante o enredo, o narrador demonstra suas principais oscilações de desejo pelo corpo, tanto de Oliver, quanto de Marzia, uma menina de sua idade que também residia ao norte da Itália.

Observamos, então, que essa oscilação de sentimentos, especialmente de desejos, caracteriza diversas indagações em Elio, o que faz com que o romance possa ser caracterizado como uma narrativa de descoberta, no qual o protagonista, a partir de suas principais experiências ao longo daquele verão, vai descobrindo a si mesmo.

A revelação de um desejo mútuo por parte de Oliver somente aparece na parte 2 do livro: “No final de julho as coisas finalmente viram à tona” (ACIMAN, 2018, p. 81), em que, durante um passeio, Oliver finalmente mostra ser recíproco aos sentimentos de Elio. Após isso, Elio começa a sentir certa transgressão sobre sua vida, na qual se indaga sobre a apropriação de seus atos, fazendo um paralelo de suas relações com Oliver e Marzia. Porém, por mais que Elio tente lutar contra esse desejo por Oliver, ele continua a senti-lo.

Notamos que o romance em questão apresenta uma exacerbada descrição dos aspectos emocionais do protagonista, pois Elio descreve minuciosamente todas as características de Oliver, desde o solado de seu pé até seus atributos intelectuais, não trazendo apenas uma narrativa superficial de um relacionamento gay, mas sim uma temática abrangente de descobertas e sensações.

Temos, então, uma narrativa considerada como memorialista, que, segundo Tanira Rodrigues Soares e Zilá Bernd (2016), trata-se da busca de uma personagem de reconstruir sua própria história e identidade a partir da volta ao seu próprio passado, o que acontece explicitamente no romance em questão, em que Elio, ao retomar sua vivência na adolescência, vai percebendo o processo formativo de sua própria identidade gay.

Soares e Bernd, em relação às características da literatura memorialística, ressaltam que:

Esta memória precisa ser revisitada e atualizada a partir do presente e servirá como elemento de ligação entre os integrantes do núcleo familiar, possibilitando com isso que sejam reafirmados ou negligenciados/esquecidos os acontecimentos, ritos, formas de viver, amores, desentendimentos, ódios e esperanças. O ato de rememorar carrega consigo o esquecimento e também o negligenciar de informações e conhecimentos, pois a memória é seletiva e, como tal, será acessada a partir de interesses do presente (2016, p. 3).

Entendemos, dessa forma, que o romance *Me chame pelo seu nome* apresenta, em todo seu enredo, traços de reconstrução do passado a partir da perspectiva do futuro, visto que é

justamente esse resgate do passado que permite que Elio entenda os principais sentimentos e sensações que tivera ao longo da sua construção identitária, conforme verificamos na passagem abaixo:

Fecho os olhos, pronuncio as palavras e estou de volta à Itália, tantos anos atrás, descendo a entrada arborizada, observando-o sair do táxi com um camisa azul esvoaçante, o colarinho bem aberto, óculos escuros, chapéu de palha, muita pele à mostra. De repente ele está apertando minha mão, me entregando sua mochila, tirando a bagagem do porta-malas do táxi, perguntando se meu pai está em casa (ACIMAN, 2018, p. 9).

Logo na primeira página do romance temos o ato de reconstrução do passado por parte de Elio, o que se configura ao longo de toda narrativa, em que, ao se lembrar de cada detalhe que viveu no verão de 1983, consegue compreender a formação de sua identidade gay.

Neste capítulo, exploraremos passagens do romance que abordam a temática do corpo e do desejo, além disso, também iremos analisar “a amizade como modo de vida gay”, dando ênfase aos laços entre Elio e Oliver. Para isso, subdividimos o capítulo em dois subcapítulos: “Afetividade, corpo e desejo homoerótico” e “Amizade e alteridade entre Elio e Oliver”.

2.1 Afetividade, corpo e desejo homoerótico

É importante, em primeiro momento, construir uma análise em relação ao capítulo “Literatura e homoerotismo masculino – entre a cultura do corpo e o corpo da cultura”, presente no livro *Literatura e Homoerotismo em questão*, escrito por José Carlos Barcellos (2006). O presente texto se mostra fundamental a fim de construir uma reflexão orientada para a questão acerca do corpo que fala e do olhar que busca realizar uma leitura acerca do corpo do outro. Nesse sentido, é evidente que há uma relação frente a ideologia negativa construída pela sociedade no que concerne ao discurso da homoafetividade.

É imprescindível consolidar essa reflexão com o intuito de que sejam compreendidas as mudanças socioculturais que ocorreram nos últimos tempos, de modo a se relacionarem com os discursos sociais. Sob esse viés, o texto “Literatura e homoerotismo masculino – entre a cultura do corpo e o corpo da cultura” pode ser relacionado com a história de Élio e Oliver, uma vez que há parcialidade do comportamento e pensamento social. Vale salientar, ainda,

que tal feito acaba por notabilizar determinados comportamentos, de modo a falar por meio do corpo, visando minimizar a propagação de palavras acerca de determinados assuntos. Esse comportamento pode ser resultante da maneira que a sociedade impõe como cada um deve agir e se comportar, fazendo com que, nesse caso, Élio molde suas ações e, em certo ponto, até os pensamentos, o que nos remete às reflexões de Elisabeth Badinter ao afirmar que:

[...] ser homem significa não ser homossexual. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres (BADINTER, 1993, p. 117).

Nesse cenário, o texto de Barcellos acaba por conceber um olhar mais atento para a interpretação em relação ao corpo da pessoa que está na frente, de modo a contemplar pelo olhar. Vale ressaltar que o personagem nega, em um primeiro momento, seus sentimentos, talvez em virtude da construção social sobre como as pessoas precisam se portar. Posto isso, Élio busca, por meio do olhar e da “imposição” de regras de seus comportamentos e pensamentos, se adequar ao “esperado”. Que, nesse caso, seria uma conduta que respeite um padrão heteronormativo. Portanto, o olhar se consolida por meio da ambiguidade envolvendo a cumplicidade e o meio ao qual as personagens estão inseridas, uma vez que a sociedade e a cultura têm influência direta sobre o comportamento dos cidadãos. O texto de Barcellos aborda o silêncio como forma de mostrar o enigma, o comportamento frente ao espaço e, por conseguinte, o fato de que a ausência da palavra corrobora a ideia de que o corpo fala e que o olhar pode procurar pela leitura do outro corpo.

Além disso, torna-se evidente que, assim como acontece entre Élio e Oliver, ao tomarem cuidado com o que falam, o corpo se mostra imprescindível na consolidação desse diálogo. Nesse sentido, o corpo é utilizado como forma de diálogo e pode sim ser usado, haja vista o fato de que as expressões corporais e, até mesmo, faciais podem servir como forma de diálogo, contudo, não verbalizado. Tal argumento é corroborado por Barcellos (2006) ao afirmar que a imagem sobre a palavra se mostra uma forma potencial de discurso:

Essa cena (Cena do livro “Monsenhor” do escritor Antônio Carlos Villaça que apresenta uma interessante descrição da antiga Sauna Aryô, um dos mais importantes pontos de encontro para homossexuais do Rio de Janeiro nas décadas de 60 e 70) chama a atenção para um elemento muito comum em certas vertentes da cultura gay, a saber o predomínio da imagem sobre a palavra. Em muitas de suas manifestações, a cultura gay mostra uma tendência muito clara para a visualidade e a gestualidade, o que a leva a centrar-se antes em ícones que em discursos (BARCELLOS, 2006, p. 219).

A comunicação foi desenvolvida como uma forma de tornar assertiva a forma em contatar e expressar as vontades e pensamentos, no entanto, é indubitável que sempre haverá uma intangibilidade. Isso se dá em função da necessidade de construir uma relação com os diferentes órgãos sensoriais, de modo a capacitar a mensagem que está sendo transmitida. Logo, é sabido que a comunicação, em sua totalidade, pode ser pautada na comunicação verbal ou não verbal, haja vista a transmissão de informações ou sinais paralinguísticos (SILVA, et al., 2000).

Ainda acerca das diferentes comunicações, convém salientar sua determinação enquanto fator fundamental para que seja consolidada a relação interpessoal das pessoas envolvidas nesse cenário. Posto isso, é necessário construir um olhar mais atento para a importância em construir uma linguagem baseada na linguagem não verbal, envolvendo gestos, mímicas, olhares, sinais paralinguísticos, organizações do meio social e espacial. Segundo Laura Moura Devesa (2016), “essa atenção se deve em virtude da cultura a qual os cidadãos estão expostos o que, por sua vez, acaba por fazer com as pessoas arrumem formas discretas de se contatarem”.

De acordo com Marcia Dias do Nascimento (2019), “as regras impostas pelos grupos sociais e culturais são responsáveis por impor a distância – metafórica – entre o emissor e o receptor, moldando, sobretudo, a forma como se dará as suas interações.” Nesse sentido, visando manter a proximidade, como manutenção da intimidade da relação entre os envolvidos, há a utilização de diferentes canais de comunicação.

Em vista disso, faz-se necessário a reinterpretação acerca das concepções que se voltam para a linguagem e para a interação, de modo que no relacionamento entre Élio e Oliver, é evidente a indução acerca da reflexão sobre o meio social. Com isso, a conexão estabelecida entre o corpo e a linguagem constrói um novo saber sobre a reposição deste enquanto objeto de diálogo, indo além do senso comum e se expandindo para a condição de objeto científico. É fato que essa abordagem é debatida ao trazer em pauta a produção das desigualdades sociais, sendo elas racial, de gênero, sexual ou étnicas, afinal, essas são responsáveis pela forma como os indivíduos se comportarão.

No final do século XIX, os termos orientados para as relações afetivo sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram tidas como formas patologizantes. Contudo, houve uma substituição em relação ao termo, de modo que os termos patologizantes passariam a ser

compreendidos como homoerotismo. Ademais, conforme explicitado por Costa (1992, p.?), “resistir a tais terminologias implica em resistir também à carga negativa com que a ciência e a cultura vêm sobrecarregando tais termos”.

Compreendida a relação entre a linguagem não verbal e o uso do corpo para a manutenção da comunicação entre o emissor e o receptor, devemos lembrar o fato de que, no decorrer do romance de Aciman, é possível evidenciar que Élio e Oliver não conversam diretamente. Além disso, em função do contexto ao qual estão inseridos, acabam por não saberem quais termos devem utilizar com o intuito de nomear os sentimentos que têm um pelo outro. Portanto, temos como predomínio da imagem o gesto do corpo, a leitura corporal em relação ao que estão vendo, sobretudo partindo de Élio, que, no decorrer da narrativa, se mostra interessado em ler o corpo de Oliver. Essa leitura é imprescindível a fim de que, sem palavras, as pessoas consigam saber o que o emissor da mensagem quer transmitir como informação.

Frente a sua atuação voltada para a cultura social e étnica a qual estão inseridos, é possível enaltecer o fato de que as personagens em questão, em nenhum momento, fazem o uso de palavras como “homossexual” ou se definem como “gays”, de modo que, em todas as circunstâncias, fazem o uso de outras palavras e expressões para defini-los, palavras como “diferentes” ou, na maioria das vezes, seus próprios nomes. Em paralelo com a citação anterior, torna-se evidente que a necessidade de “conversar” se dá por meio da imagem e não da palavra, de modo a construir uma relação entre a linguagem verbal e não verbal. Portanto, pode ser compreendido que a exclusão da palavra é possível, pois

Encontramos uma dinâmica que marca de maneira especial o imaginário e a sociabilidade gays, pois, desde suas manifestações mais comezinhas na vida cotidiana, a cultura gay afirma-se por um estar-aí que se veicula preferencialmente em 220 códigos gestuais e visuais que dispensam longos discursos, justificações ou argumentações elaboradas: um olhar, um toque, um gesto, um pequeno sinal e tudo está dito. Ou, fica ainda por dizer... Como Honoré de Balzac já observara magistralmente na cena de *Ilusões perdidas* (1843) em que Vautrin, disfarçado de padre espanhol, tenta seduzir Lucien de Rubempré, as longas digressões são freqüentemente, se não mero pretexto, pelo menos ocasião propícia para as demonstrações físicas de afeto, como segurar as mãos, apalpar o braço ou enlaçar pela cintura. Esses gestos, se passaram despercebidos à ingenuidade do jovem Lucien, são muito eloqüentes para dar ao leitor, menos inocente que ele, informações bastante precisas acerca das reais intenções de Vautrin e do caráter nada casual de suas reiteradas manifestações de carinho e interesse pelo jovem poeta (BARCELLOS, 2006, p. 221).

Ademais, visando consolidar o saber e o debate acerca da leitura corporal como forma de manutenção do diálogo, é possível abarcar a situação em que Oliver encosta no pé de Élio durante o café. Assim como fora salientado na citação acima, as manifestações de carinho e interesse são expressas por meio de gestos e códigos visuais, visto que, dessa forma, há determinada discrição. Vale salientar ainda que, tal qual fora enaltecido, essa se dá em virtude de questões que vão além de gerações, alcançando culturas sociais. Tal discrição acontece pelo fato de que ambos sentem a necessidade de esconder o que sentem perante a sociedade. Logo, essas manifestações podem ser percebidas na passagem a seguir:

No café da manhã, não sei o que me deu, mas de repente estava abrindo o ovo quente para ele antes que Mafalda interviesse ou que ele o quebrasse com a colher. Eu nunca tinha feito isso para alguém na vida, mas ali estava, garantindo que nenhum pedacinho de casca caísse no seu ovo. Ele ficou feliz com o ovo. Quando Mafalda Trouxe o polpo diário, fiquei feliz por ele. Alegria doméstica. Só porque ele tinha deixado que eu ficasse por cima na noite anterior. Percebi que meu pai estava olhando para mim enquanto terminava de abrir o segundo ovo quente.

— Os americanos não sabem fazer isso — falei.

— Tenho certeza de que eles dão um jeito... — respondeu ele.

O pé que encostou no meu embaixo da mesa me disse que talvez eu devesse parar e supor que meu pai havia percebido alguma coisa.

— Ele não é bobo — disse Oliver mais tarde quando estava se arrumando para ir a B (ACIMAN, 2018 p. 102).

Desse modo, o corpo pode ser visto como uma forma de constituição da mente e se liga com a questão existencial dos indivíduos. Alguns psicanalistas fazem relação entre o corpo enquanto objeto primário no processo de identificação, de modo que conseguem transmitir o inconsciente ali representado. Nesse sentido, o corpo do sujeito é tido como forma de fala e manutenção da comunicação, articulando, assim, corpo, espaço e, sobretudo, linguagem, conforme afirmam Deise Matos, Ana Cláudia Reis de Magalhães e Daniela Scheinkman Chatelard (2013).

O livro *O homem que amava rapazes*, escrito por Denilson Lopes (2002), aborda diferentes ideias voltadas para a questão da homossexualidade e, nesse sentido, convém debater acerca do romance abordado e sobre a condição de estrangeiro de um sujeito gay, tendo como foco a personagem Oliver, que é estrangeira em intercâmbio. Vale salientar que a obra retrata acerca dos estudos culturais, haja vista o fato de que temas contemporâneos são debatidos a cada capítulo, fazendo com que os leitores tenham uma visão mais afetiva sobre o tema. Torna-se evidente que os aspectos supracitados fazem relação direta com a história de

Oliver e Élio, já que seu relacionamento e o fato de discorrer acerca da questão estrangeira , por sua vez, envolve diferentes culturas.

As narrativas literárias orientadas para as questões sexuais e de gênero têm tomado espaço no que concerne à manutenção dos sujeitos envolvidos, promovendo a reflexão da condição dos indivíduos. É importante ressaltar que essas reflexões são imprescindíveis em relação à construção da pluralidade das existências, de modo que a envolver as culturas, etnias, meio social e afins. Posto isso, a renovação desses conhecimentos atua de maneira direta na manutenção da criticidade e teoria frente a interpretação dessas narrativas.

Nesse sentido, retomaremos dois capítulos do livro de Denilson Lopes, de modo a auxiliar na compreensão da relação entre Élio e Oliver. Logo, em primeiro momento, convém trazer em pauta o capítulo “A viagem e uma viagem”, visto que esse é fundamentado na ideia do romance de formação, dando ênfase maior para a viagem de Oliver, pois essa proporciona a chegada do estrangeirismo a Élio. Ainda tratando da questão do estrangeiro, sua relação e influência frente ao cenário em que se encontra, é necessário trazer em pauta o capítulo “entre homens entre lugares”, uma vez que é voltado para a temática em questão. Dessa maneira, é evidente que essas relações acabam por resultar na construção e na desconstrução da identidade, tanto da personagem quanto na sociedade na qual estamos inseridos. O ensaio em questão consiste em uma melancolia vinda de uma sensibilidade resultante dos saberes colecionados no decorrer da vida, aborda ainda a sensação que o ser humano tem ao se ver como estrangeiro – um ser isolado, como vemos na citação abaixo:

Por que e para que aprender? É possível uma vida enquanto aprendizado? São perguntas como essas que podem repor a atualidade da discussão em torno da *Bildung* (formação), não para repetir seu conteúdo iluminista que implicava a socialização do indivíduo, na passagem da infância para a vida adulta, e ao mesmo tempo, a constituição de um sujeito singular e autônomo, a partir de um aprendizado interior, progressivo e por etapas; mas para problematizá-lo. Esse debate é profícuo à medida que leva em consideração novas configurações da subjetividade, derivadas da crise do individualismo, a fim de reinventar a ponte entre vida e conhecimento, o que será feito através de uma breve história do *Bildungsroman* (romance de formação) (LOPES, 2002, p. 121).

Em vista disso, não somente em relação à formação do romance, mas, sobretudo, sobre a forma de conhecer e construir sua identidade, é possível compreender que as perguntas e o desenvolvimento da aprendizagem interior demonstram a importância em fazer com que haja a manutenção de relações interpessoais. Nesse viés, a relação entre Élio e Oliver se mostra fator imensurável nesse feito, haja vista o fato de que há a construção de um saber.

Corroborar, portanto, com o presente argumento, a citação feita por Ozielton de Oliveira (2021, p. 57), pois, segundo ele:

Elio vê suas reflexões sobre a vida tornarem-se ainda maiores com a chegada de Oliver, estagiário de seu pai que passará 6 semanas em sua casa. O momento introdutório entre eles – a “troca de nomes” - e o primeiro aperto de mãos, desperta no adolescente sentimentos inesperados, levando o leitor a descrição de pensamentos profundos, intensos e eróticos que provocam discussão acerca do desenvolvimento da sexualidade do personagem ao longo da narrativa. Em visto disso, levando em consideração os elementos discursivos para a construção de uma identidade, é possível identificar no discurso do sujeito, a busca do entendimento a respeito da sexualidade, uma vez que o erotismo vivido por ele é notável através de enunciados, que se constituem e constroem-se em cada descrição minuciosa do olhar, toque e cheiro que despertam no mesmo sensações desconhecidas, tentadoras e “proibidas”.

Pensando nesse sentido, o deslocamento de Élio é uma forma de introduzir essa relação e, por conseguinte, cabe ressaltar aspectos como o olhar, na medida em que Élio, antes de encostar no corpo de Oliver, já ama a sua imagem. Vale salientar, ainda, que Élio desenvolve códigos orientados para as cores, a fim de compreender o humor de Oliver. Em relação a essa estratégia de sedução, afeto e desejo pelo olhar, Ana Cristina Chiara afirma que:

Os personagens deslizam pela escrita na mesma medida em que transitam por espaços diferentes. Não se trata de identidades, mas de posições marcadas. O desejo é uma forma de pertencimento, de encontro, mesmo quando não de inclusão. O encontro entre homens se dá sutil e inesperadamente. As palavras não são pronunciadas não pela recusa ao dizer, mas para se aprender com o corpo. Os olhares são físicos, não de voyeur. [...]. Olhares não se desviam, falam (2000, p. 28-32).

Nesse sentido, Lopes afirma que:

A viagem aparece como decisão de afirmação da vida. O olhar é uma presença, um presente. O Outro (assim mesmo, escrito com inicial maiúscula) chega anunciado. O encontro é marcado. Há resistência. Temor da recusa, de precisar do Outro. O encantamento se faz. Na fugacidade do encontro, a intimidade se faz, como não se faria com tantos outros em anos de convivência (LOPES, s/d).

Com base nas citações acima, é possível construir uma relação frente ao olhar enquanto base para a construção de uma intimidade entre as personagens. Vale ressaltar, além disso, o desejo de pertencimento que, por sua vez, é difundido no decorrer da narrativa, ao discorrer acerca da relação entre Élio e Oliver. Nessa perspectiva, torna-se evidente que o estrangeirismo enquanto mediador na disseminação de saberes culturais diferentes acaba por

servir como forma de afastamento ou aproximação entre os indivíduos. Já a manutenção da linguagem, assim como tem sido debatida no presente capítulo, continua se dando por meio do olhar e, sobretudo, agora, por meio da tentativa de compreender os sentimentos sem mesmo ter conversado.

Podemos trazer em pauta o fato de que a imaginação é amplamente abordada, porque há a tentativa de construir um padrão de cores com o intuito de entender o humor da pessoa ao lado. Isso acontece nos momentos em que Élio observa as cores das roupas de Oliver, e tenta imaginar qual seria seu humor:

Demorei um tempo para perceber, mas ele tinha quatro personalidades, que dependiam do calção de banho que estivesse usando. Saber qual delas esperar me dava a ilusão de ter uma ligeira vantagem. Vermelho: ousado, teimoso, muito adulto, quase rude e mal-humorado — fique longe. Amarelo: jovial, alegre, engraçado, mas não sem farpas — não ceda tão facilmente; podemos voltar ao vermelho a qualquer momento. Verde, que ele raramente usava: dócil, curioso, falante, bem-humorado — por que não era sempre assim? Azul: a tarde em que entrou no meu quarto pela varanda, o dia em que massageou meu ombro ou quando pegou meu copo da grama e colocou bem ao meu lado (ACIMAN, 2018, p. 22).

Portanto, a imaginação, a identidade, o estrangeirismo, o olhar como tentativa de compreensão e o amor ao corpo antes mesmo do toque são aspectos de suma importância no que concerne aos textos em questão.

Tomando como parâmetro a ideia da imaginação proporcionada pelo autor com o intuito de construir um olhar mais atento para a fantasia de Élio frente as relações dele com Oliver, é possível fazer uma conexão com o texto “Os reinos de Pã”, presente no livro *A dupla chama do amor e erotismo*, escrito por Octávio Paz. O livro em questão é imprescindível no que concerne à abordagem dos assuntos que envolvem sexo, amor, erotismo, de modo que o próprio título promove essa associação. Já o capítulo usado para análise é pautado na relação entre poesia e erotismo que, por sua vez, aborda aspectos que podem nos propiciar uma melhor compreensão sobre a relação entre Oliver e Élio.

Para Octávio Paz,

a imaginação é o agente que move o ato erótico e poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora. A imagem poética é abraço de realidades opostas e a rima é cópula de sons; a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo é uma metáfora da sexualidade animal. (...) Como todas as metáforas, designa algo que está além da realidade que lhe dá origem, algo novo e distinto dos termos que a compõem (1994, p. 12).

Tomando como base a citação acima, pode ser corroborada a ideia de que a história de Élio e Oliver, no que diz respeito ao ato que se faz erótico e poético, no momento que Élio se permitia imaginar, em um primeiro momento, Oliver inteiramente, assim como é explicitado “depois de fazer com que eu o desejasse mais do que eu imaginava ser capaz de desejar outra alma, de modo gentil e suave” (p. 32). Além do fato exposto, pode ser trazido em pauta o momento em que Élio se masturba com um pêsego pensando em Oliver e em seu corpo:

Vi um deles entrar em meu quarto e pegar a fruta e, com a fruta na mão, vir até a minha cama e aproximá-la do meu pau duro. Sei que você não está dormindo, diriam, então passariam o pêsego macio e maduro no meu pau até eu perfurar a fruta no vinco que me lembrava a bunda de Oliver. Esse pensamento me tomou e não ia embora (ACIMAN, 2018, p. 90).

Assim, a ideia de imaginação acaba por ser evidenciada com os pensamentos de Élio, haja vista o fato de que há a movimentação do ato erótico e poético, de maneira simultânea. Vale salientar ainda que, tal qual explicitado por Jucimara Braga (2012 p. 15) , “o erotismo seria uma poética corporal, a poesia seria uma erótica verbal; ambos se opõem e se complementam”.

Visando uma melhor compreensão acerca da tensão entre o corpo e desejo, julgamos importante resgatar o texto “O olho e o espírito” (1964, p. 68), de Merleau-Ponty, porquanto este aborda o corpo enquanto objeto capaz de “falar”, uma vez que

O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer-se no que vê então o ‘o outro lado’ de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa seja o que for assimilando-o, constituindo-o, transformando em pensamento - mas um si por confusão, por narcisismo, inerência daquele que vê ao que ele vê, daquele que toca ao que ele toca, do senciante ao sentido - um si que é tomado portanto entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro.

É evidente que o corpo é o principal responsável pela manutenção das relações e das comunicações, de modo que acaba por ser um instrumento que pode transmitir informações, não somente sobre si, mas, principalmente, em relação à sociedade. Jacques Lacan afirma que a fala por meio do corpo e a imaginação são elementos importantes que precedem o conhecimento. Logo, tal pensamento é corroborado com o que é proposto no presente capítulo. Assim sendo, de acordo com Lacan:

O que nos interessa (...) não é o corpo participante em sua totalidade. (...) Não é essa ordem de fatos que está implicada na recapitulação da função do corpo, mas sim o engajamento do homem falante na cadeia do significante, com todas as suas consequências – com a repercussão doravante fundamental, com esse ponto de eleição de uma irradiação ultra subjetiva, com esse alicerce do desejo, em suma. Não se trata do corpo como algo que nos permita explicar tudo, por uma espécie de esboço da harmonia do Umwelt com o Innenwelt, mas é que sempre há no corpo, em virtude desse engajamento na dialética significante, algo de separado, algo de sacrificado, algo de inerte, que é a libra de carne. (2005, p. 241-242).

O desejo pode ser considerado como “impulso” ou força de fascínio que faz com que o sujeito sinta a “indigência” de juntar-se a outro do mesmo sexo, podendo ser essa junção apenas afetiva, sexual, ou então afetivo-sexual (BATAILLE, 1987).

Ainda de acordo com Bataille (1987, p. 14), a concretização do erotismo “tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos falta”. Constatamos, dessa forma, que o desejo erótico, o desejo interior, surge como um impulso de nos sentirmos completos afetiva ou sexualmente através do corpo do outro. Embora a conceituação de Bataille se refira ao desejo erótico entre sujeitos heterossexuais, sua conceituação acerca do desejo interior e do desejo erótico também nos permite fazer uma leitura acerca do desejo homoerótico, uma vez que o desejo interior, que nos leva a buscar a completude no outro, independe de sermos homens, mulheres, gays, lésbicas e afins.

O desejo não pode ser culturalmente estabelecido como são as relações de predomínio e subordinação, pois para o desejo não se cultivam preceitos ativos, tendo em vista que o desejo é um sentimento particular e natural, que pode ser camuflado, mas não pode ser modificado ou eliminado; o que faz com que o dominante, com o tradicionalismo intrínseco a essa disposição, explore uma luta constante de policiamento e de contenção do desejo.

É pelo fato de o desejo que Elio sente por Oliver ser natural, e fazê-lo se sentir completo a partir desse desejo, que faz com que ele tente lutar, em alguns momentos da narrativa, contra esse sentimento, como ocorre no seguinte fragmento:

O que eu queria? E por que eu não sabia o que queria, mesmo quando estava pronto para ser direto em minhas confissões? Talvez eu quisesse que ele ao menos falasse que não havia nada de errado comigo, que eu não era menos humano que qualquer outro cara da minha idade. Eu teria ficado satisfeito e não pediria mais nada, se ele simplesmente se abaixasse para recolher a dignidade que eu tinha lhe entregado com tanta facilidade (ACIMAN, 2018, p. 40).

Podemos compreender, com essa relutância por parte de Elio, uma busca de negar esse desejo homoerótico que o tomava por completo, e que mesmo tentando negar não era possível deixar de senti-lo, o que gera na personagem confusão e negação ao longo da formação de sua identidade.

Essa negação pela própria identidade ocorre a partir do que Stuart Hall (2006) denomina como identidade fragmentada, em que se havia uma identidade que se unificava com a própria sociedade, fazendo com que ambas fossem unificadas e fechadas em si. Para o autor:

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 8-9).

Constatamos, então, que o conceito de identidade, a partir dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, se configura como algo plástico e heterogêneo, contudo, temos no romance um jovem que ainda não consegue compreender essa fragmentação identitária, o que o faz negá-la em diversos momentos.

Por mais que Elio pertencesse a uma família multicultural, ou seja, uma família que recebia todos os anos pessoas das mais distintas culturas em sua casa e aberta às diferentes identidades existentes, esses sentimentos de aversão sobre si mesmo apareceram fortemente em sua vida. Podemos relacionar esses sentimentos a vários fatores, como o ano (1983) em que a narrativa se passa, a religião judia de sua família que ecoa em suas memórias e sua inserção em uma sociedade que foi fundada a partir dos paradigmas heteronormativos.

Elio, desde o início da narrativa, já evidenciava os sentimentos confusos sobre sua identidade gay, chegando a compará-la com a descoberta das virgens com os primeiros toques, visto que tal personagem ainda não havia concretizado seus desejos homoeróticos, do mesmo modo em que as virgens também não se deleitaram dos prazeres eróticos. Vejamos:

Nunca me ocorreu que o que me fizera entrar em pânico quando ele me tocou foi exatamente o que surpreende as virgens ao serem tocadas pela primeira vez pela

peessoa que desejam: o toque desperta terminações nervosas que elas nem sequer sabiam da existência e produz prazeres bem mais desconcertantes do que estão acostumadas a sentir sozinhas (ACIMAN, 2018, p. 24).

Usamos o termo “confusão”, pois é possível observarmos com esse excerto que Elio apresenta a todo o momento oscilações entre seus pensamentos acerca do desejo que sente por Oliver, em que as experiências homoeróticas se contrastam com “terminações nervosas”. Percebemos, também, mais uma vez a influência dos paradigmas heteronormativos arraigados na sociedade, pois Elio não consegue comparar seu desejo e seus sentimentos com outras relações homoeróticas, mas sim heteronormativas. Outra questão que chama nossa atenção é a inconsistência de sua auto comparação com as virgens, uma vez que as terminações nervosas sentidas pelas virgens ocorrem pelo primeiro toque, já as que Elio sentiu são referentes à dificuldade de aceitabilidade de sua identidade gay e/ou de seu desejo homoerótico por Oliver.

Ao se falar sobre aceitabilidade, Graziela Zanin Kronka considera que:

A aceitabilidade — considerada aqui em relação à adequação entre o corpo construído como desejável àquele que o porta (e àquele que o deseja) e o lugar que lhe é destinado no seio das organizações das relações sociais — parece oscilar entre a manifestação da capacidade de suscitar e realizar fantasias e a manifestação de reações violentas (2003, p. 163).

Notamos que os pensamentos da teórica traduzem nitidamente a realidade em que Elio se encontra, já que sua capacidade de desejar e realizar fantasias homoeróticas o faz ter as reações violentas, isso ocorre pelo fato de que a homossexualidade destoa daquilo que comumente é desejável para a sociedade.

Ao se falar sobre essa aceitabilidade, percebemos, ao analisar o início e o final da narrativa, que essa luta contra o desejo também se manifesta em Oliver. Por mais que Oliver tenha mais experiência que Elio e já tenha passado pela fase de descoberta de sua identidade ainda há uma negação por sua parte. Uma negação que é entendida por Elio, no início da narrativa, como falta de interesse:

Naquela noite, escrevi em meu diário: Eu estava exagerando quando disse que você tinha odiado a peça. O que eu quis dizer foi: achei que você me odiava. Esperava que você me convencesse do contrário... e me convenceu, por um tempo. Por que não acreditar nisso amanhã de manhã? Mas isso também faz parte de quem ele é, disse a mim mesmo ao ver como sua personalidade fora do gelo ao fogo. Eu podia

muito bem ter perguntado: eu também mudo completamente dessa maneira? (ACIMAN, 2018, p. 20).

Essa mudança à qual Elio faz referência a Oliver, nada mais é do que uma luta contra a consumação do desejo de ambos. Essa luta é confirmada aos leitores nas últimas páginas da narrativa, em que no presente, Oliver tem uma vida heteronormativa:

Pensei no caminho de volta, tarde da noite, ao longo do rio iluminado pelas estrelas até este hotel antiquado na Nova Inglaterra, seguindo pela margem que eu esperava que nos fizesse lembrar da baía de B., e das noites estreladas de Van Gogh, da noite em que me juntei a ele na pedra e beijei seu pescoço, e da última noite, quando andamos juntos na estrada, sentindo que não haveria nenhum milagre de última hora para adiar sua partida. Imaginei estar em seu carro me perguntando quem sabe se eu ia querer, se ele ia querer, talvez uma bebida no bar decidisse, sabendo que, durante todo o jantar naquela noite, ele e eu nos preocuparíamos com a mesma coisa, esperando que pudesse acontecer, rezando para que não acontecesse, talvez uma bebida no bar decidisse... Eu conseguia ler seu rosto enquanto o imaginava desviando o olhar ao abrir uma garrafa de vinho ou trocar a música, porque ele também iria flagrar o pensamento passando pela minha cabeça, e ia querer que eu soubesse que estava debatendo exatamente a mesma coisa, porque, enquanto servia o vinho para a esposa, para mim, para si mesmo, finalmente perceberíamos que ele era mais eu do que eu mesmo tinha sido, porque quando se tornou eu e eu me tornei ele na cama tantos anos antes, ele foi e para sempre seria, muito depois de cada bifurcação da vida ter feito seu papel, meu irmão, meu amigo, meu pai, meu filho, meu marido, meu amante, meu eu. Nas semanas que passamos juntos naquele verão, nossas vidas mal se tocaram, mas nós atravessamos para o outro lado, onde o tempo para e o céu alcança a terra e nos oferece o que é divinamente nosso desde o nascimento. Desviamos o olhar. Falamos de tudo, exceto disso. Mas sempre soubemos, e não dizer nada agora confirmava ainda mais isso. Encontramos as estrelas, você e eu. E isso só acontece uma vez na vida (ACIMAN, 2018, p. 281-282).

A partir desse excerto, o que podemos observar é que, o que Elio via como desprezo, desejo não correspondido durante o verão de 1983, nada mais era do que uma luta constante contra sua identidade gay. Uma luta que perdurou e se consumou em um casamento e em uma vida heteronormativa. Notamos, mais uma vez, a partir desse fragmento, a força das restrições impostas pela sociedade heteronormativa aos desejos homoeróticos de Oliver, que, desde o verão de 1983, buscava lutar contra esse sentimento.

Essa luta pode ser interpretada a partir da seguinte concepção de Guacira Lopes Louro (2000, p. 5-6):

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade

envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Percebemos, a partir dessa perspectiva, que o ideal acerca dos corpos e, por consequência, da sexualidade faz com que Elio e Oliver, em muitos momentos da narrativa, lutem contra o forte desejo de destoar de uma sexualidade pré-determinada pela sociedade.

Como bem ressalta Louro (2000), a sexualidade não pode ser compreendida como um fator natural dos seres humanos, pois ela se constrói a partir das relações sociais. É por não compreender que a sexualidade se molda a partir das vivências sociais que faz com que Elio e Oliver retrocedam o próprio desejo.

A partir desse sentimento de repulsa que aparece incessantemente no romance, podemos perceber que esse desejo que Elio e Oliver sentiam um pelo outro era entendido por ambos como um desejo abjeto, ou seja, um desejo anormal, que destoa dos protótipos sociais. Esse sentimento de abjeção faz com que as personagens do romance desencadeiem sentimentos de angústia, solidão e carência afetiva.

Sentir abjeção pelo desejo provoca nas personagens evasão e um sentimento de culpa, fazendo com que elas incidam uma relação complexa com o próprio “eu”. O modelo social, com sua dialética entre o certo e errado, moral e imoral, é, claramente, o principal causador da sensação de abjeção pelo indivíduo gay, pois, por mais que se compreenda que a sexualidade não se caracteriza como algo natural dos seres humanos, mas sim construída a partir das relações sociais, a sociedade ainda insiste em reproduzir e impor o desprezo por todos os indivíduos que não se encaixam nos padrões de normalidade.

Para Guacira Lopes Louro,

Desprezar alguém por ser gay ou por ser lésbica é, para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo “compreensível”. Conviver com um sistema de leis, de normas e de

preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável. Mas esse quadro parece representar, em linhas mais ou menos gerais, a sociedade brasileira. Por isso, sinto-me autorizada a afirmar que a sexualidade ou as tensões em torno da sexualidade constituem-se numa questão que vale a pena colocar em primeiro plano (2007, p. 203).

A partir do excerto acima verificamos que o desprezo é colocado como algo normal e aceitável, pois a única coisa que não é aceitável pela sociedade heteronormativa é a desconfiguração do sujeito ideal que sempre foi por ela imposto.

É a partir dessa imposição heteronormativa, que despreza tudo que destoa de seus ideais, que Elio indaga incessantemente seu desejo por Oliver, não sendo capaz de se compreender. Pelo contrário, ele tenta sentir os mesmos prazeres com mulheres, fazendo com que a construção de sua identidade seja confusa e dolorosa para ele, como vemos no fragmento abaixo:

A coisa com Chiara aconteceu tão *naturalmente* que estava na cara. Ele amava dar uma gita em alto-mar no barco a remo com ela, ele nos remos enquanto ela tomava sol, tirando a parte de cima do biquíni quando paravam longe da costa. Eu assistia. Temia perdê-lo para ela. Temia perdê-la para ele também. Mas pensar nos dois juntos não me desanimava. Eu ficava duro, embora não soubesse se o que me excitava era o corpo dela sob o sol, o dele ao lado dela, ou os dois juntos. De onde eu estava, encostado na cerca do jardim que dava para a costa, eu estreitava os olhos e finalmente via os dois deitados ao sol um ao lado outro, provavelmente se agarrando, a coxa dela por cima da dele, minutos depois a dele por cima da dela. Eles não tinham tirado a roupa. Isso me deixava aliviado, mas certa noite, quando vi os dois dançando, algo me disse que aqueles não eram movimentos de pessoas que se limitavam a carícias intensas. Na verdade, eu gostei de vê-los dançando juntos. Talvez vê-lo dançando daquele jeito com alguém tenha feito com que eu percebesse que ele não estava disponível, que não havia motivos para ter esperança. E isso era bom. Ajudava na minha recuperação. Talvez pensar assim fosse um sinal de que a recuperação já estava acontecendo. *Eu tinha pastado na zona proibida e saído suficientemente ileso*. Mas, quando meu coração bateu com força na manhã seguinte, no momento em que eu o vi no lugar de sempre no jardim, *soube que desejar o melhor aos dois e ansiar pela recuperação não tinha nada a ver com o que eu ainda queria dele* (ACIMAN, 2018, p. 55-56, grifos nossos).

Percebemos que a relação de Oliver com Chiara acontecia “naturalmente”, sem nada que os impedissem de ficar juntos, uma vez que a relação satisfazia os preceitos heteronormativos, diferentemente da relação homoerótica, em que Elio descreve como “zona de perigo”. O que fica explícito é que, por mais que esse desejo fosse genuíno, ele não era

aceito, fazendo com que a personagem central travasse uma luta entre o desejo por Oliver e o desejo por mulheres, ou seja, a descoberta de sua própria identidade.

Essa luta interior de Elio ocorre porque

Em uma sociedade fundada no ideal do patriarcado e sustentada no heterossexismo compulsório, como se configura o contexto brasileiro, a homossexualidade é uma orientação sexual questionada e condenada. Motivo de piadas, deboche, discriminação e exclusão social, sujeitos homossexuais são ainda alvos de violência física e posturas homofóbicas. E essa vivência condiciona, muitas vezes, o sujeito à marginalidade e à marginalização e a adoção de seu status como “excêntrico” (PORTO, 2016, p. 80).

Embora o excerto acima se refira ao contexto brasileiro, ela pode ser estendida ao contexto da narrativa, pois percebemos a influência da sociedade heteronormativa sobre os sentimentos de Elio, uma vez que há um questionamento insistente sobre seus desejos, como se estivesse cometendo um ato repulsivo e condenatório.

Essa luta contra o desejo se faz ainda mais recorrente quando o protagonista sente uma transgressão em relação ao desejo que tinha por Oliver ser consumado. Vejamos:

Como a luz, no entanto, o remorso, se é que era remorso, pareceu desaparecer por um instante. Mas quando eu me deitava na cama e me sentia desconfortável, voltava em dobro, como se marcasse um ponto cada vez que eu achava que tinha sentido pela última vez. Eu sabia que ia doer. O que eu não esperava era que a dor se retorceria em golpes repentinos de remorsos. Ninguém tinha me contado sobre isso. [...] Não era ele que eu odiava – mas o que tínhamos feito. Não queria que ele olhasse dentro do meu coração ainda. Em vez disso, queria sair daquele pântano de auto-aversão e não sabia como. [...] Precisava que ele ficasse o mais distante possível para ter chance de me sentir melhor e esquecer (ACIMAN, 2018, p. 160-161).

Elio, no momento em que consegue colocar em prática todos os desejos que sentia por Oliver, sente como se tivesse cometido um ato desprezível, na medida em que este, por se encaixar em uma cultura judaica, sente-se desconexo dos preceitos da sociedade heteronormativa, sensação esta que muda quando ele executa os desejos que sentia por Marzia, como vemos no excerto a seguir:

A caminho de casa, amei sentir seu cheiro em meu corpo, em minhas mãos. Não faria nada que pudesse apagá-lo. Ficaria com ele até nos encontrarmos à noite. Parte de mim ainda gostava de sentir aquela recém-encontrada e benéfica onda de

indiferença em relação a Oliver, beirando o desgosto, mas que ao mesmo tempo que me agradava me dizia o quanto eu era inconstante. Talvez ele percebesse que tudo o que eu queria dele era sexo e tivesse decidido por instinto não se envolver comigo. E pensar que algumas noites antes eu tinha sentido um desejo tão forte de receber seu corpo no meu que quase pulei da cama para procurá-lo em seu quarto. Agora essa ideia jamais me excitaria. Talvez toda essa história com Oliver tenha sido uma rotina canicular da qual eu me livraria. Por outro lado, eu só precisava sentir o cheiro de Marzia em minha mão para amar toda mulher em cada mulher (ACIMAN, 2018, p. 139).

O desejo pelo corpo do outro é elencado na obra minuciosamente, abordando cada detalhe dessa busca. Observamos que Elio passa por diversas transições ao longo do enredo, se descobrindo e redescobrando enquanto sujeito, em que a todo instante sua identidade é colocada em indagação. Essa oscilação de formas de desejos se faz recorrente, pois Elio, com apenas 17 anos, começa a ter suas primeiras experiências sexuais, tanto com mulheres quanto com homens, sendo o desejo decorrente de “aprendizado e acordo prático no julgamento do que é ou não sentimento de prazer sexual” (COSTA, 1996, p. 64).

Observamos que esse desejo abrangente se mostra presente no seguinte excerto do romance em questão:

Tomaria uma decisão a sangue-frio. E, se ele perguntasse, eu responderia. Não sei se quero ir em frente com isso, mas preciso saber, e melhor que seja com você do que com qualquer outro. Quero conhecer seu corpo, quero conhecer seus sentimentos, quero conhecer você e, através de você, conhecer a mim mesmo (ACIMAN, 2018, p. 146).

A intolerância é vista como a face da abjeção, já que a abjeção ultrapassa o sujeito e se estende para a dimensão política. É possível evidenciar que os corpos abjetos, em virtude da exclusão ao qual são expostos, não se veem incluídos no meio social e têm sua construção identitária alterada por meio da experiência de vida, bem como elenca Tiago da Silva Porto:

O corpo abjeto nesse sentido nos é inacessível em sua materialidade, não se objetaliza, não é marcado, ele circula e dele só nos resta o afeto imponderável, a abjeção. O corpo abjeto não possui uma posição na sociedade, nem mesmo como excluído. Trata-se de um corpo não articulado e por isso intolerável. Por não ser marcada, a abjeção não consegue ser proferida, descrita, nomeada, pois, caso fosse, ela ganharia peso e se constituiria como matéria dentro da sociedade, deixando finalmente de ser abjeção. Teríamos aí atingido a tão sonhada, mas impossível paz, atribuindo à abjeção um sentido a partir do nosso sistema de nomeações e predicções.

Portanto, o caminho entre esse sonho de paz e a dor de nossa inconsistência identitária não consegue se reduzir a qualquer compreensão formal da intolerância.

Fazendo-se assim ainda útil o questionamento permanente dos lugares identitários cristalizados, pois essa ação talvez organize esse caminho e nos permita aproximar minimamente desse quadro de tensão, por ser ele há muito tempo reconhecido por nós no campo da experiência analítica, na vivência da tensão entre aquilo que pode ser dito, representado e interpretado, e aquilo que se cala e faz confundir os limites do corpo e da psique (PORTO, 2016 p. 165).

Compreendemos que o desejo de Elio é, na verdade, uma tentativa de preencher diversas lacunas existentes dentro de si mesmo. O narrador protagonista vê em Oliver a possibilidade de completar seus vazios, pois o ser humano busca sempre no outro os mecanismos para se sentir completo e, a partir dessa completude do eu, Elio procura entender a si mesmo através de seus desejos, o que podemos observar no seguinte fragmento do romance:

Mas talvez tenha começado bem mais tarde do que acredito, sem que eu percebesse. Você vê a pessoa, mas não a enxerga de verdade, ela simplesmente está por ali. Ou até enxerga, mas nada bate, nada “chama atenção” e, antes mesmo que você perceba uma presença ou algo incômodo, as seis semanas que lhe foram oferecidas já passaram e a pessoa já foi embora ou está prestes a ir, e você fica lutando para aceitar algo que, sem que você soubesse, vinha guardando forma bem debaixo do seu nariz, trazendo consigo todos os sintomas daquilo que só pode ser chamado desejo. Como eu não percebi? Você se pergunta. Sei reconhecer o desejo – desta vez, no entanto, tinha passado completamente despercebido. Eu me saía com meu sorriso misterioso, que fazia o rosto dele se iluminar toda vez que lia meus pensamentos, mas tudo que eu queria era pele, apenas pele (ACIMAN, 2018, p. 15).

Com esse excerto, fica evidente que Elio sempre buscava lutar contra esse desejo, que o tomava por completo, mesmo quando ele tentava se negá-lo. Entendemos, também, a polaridade entre as relações heteronormativas e homoeróticas, em que uma é aceitável e “normal” e outra é desprezada e abnegada, o que faz com que Elio leve um tempo maior para assumir e entender os desejos que sentia, diferentemente do desejo heteronormativo que, por ser considerado normal e aceito pela sociedade, é aceito com maior facilidade e naturalidade.

Em relação a essa indiferença no que se refere aos corpos abjetos, Flávio Camargo, em ensaio sobre as configurações homoeróticas no conto brasileiro contemporâneo, afirma que

Essa indiferença, juntamente com o escárnio, se materializa porque aos sujeitos gays lhes é negado o status de corpos que pesam, de corpos que tenham algum valor. São corpos e sujeitos cuja dignidade e humanidade é tolhida pela sociedade. Os corpos desses sujeitos são considerados como corpos abjetos, corpos que podem ser expurgados, alijados do convívio social. É por ter essa consciência do olhar do outro e do julgamento que lhe é imposto que o protagonista sente sua alma devastada, ao

ter consciência da própria identidade que é estigmatizada constantemente (2018, p. 114).

Percebemos que, justamente por não ser considerado um corpo que pesa na sociedade, ou seja, um corpo/uma identidade que seja valorado/a, Elio sente dificuldade de se entender, o que causa uma busca incessante pelo outro para poder se compreender e preencher o vazio causado pela consciência de sua identidade e de seus desejos sexuais.

Por esse motivo, entendemos a relutância por parte de Oliver, no início da narrativa, sobre seus desejos homoeróticos, pois, ao final da narrativa, se confirma essa consciência de ser um corpo que pesa na sociedade, visto que tal personagem abre mão de sua identidade gay para se moldar aos parâmetros heteronormativos.

Segundo Louro (2002), a sexualidade é imposta pela sociedade. A partir desses preceitos sociais acerca dos relacionamentos, observamos que os indivíduos do mesmo sexo que se relacionam passam por constantes abnegações, porque vão contra as normas impostas pela sociedade que se caracteriza exacerbadamente como heteronormativa, como afirma Judith Butler ao dizer que esses esquemas regulatórios se caracterizam como reproduções históricas que visam o controle dos corpos e reproduzem corpos que pesam.

Nesta perspectiva, notamos que Elio passa, diversas vezes, por momentos de interrogações sobre si mesmo, pois este jovem, apesar de ter pais liberais, vive, como todos, em uma sociedade que dita o que é “certo” e o que é “errado” em relação aos corpos e à sexualidade. Com isso, percebemos em Elio uma busca constante para se descobrir e entender seus sentimentos e desejos por Oliver, como verificamos no trecho abaixo:

Eu queria ser como ele? Eu queria ser ele? Ou só queria tê-lo? Ou “ser” e “ter” são verbos imprecisos no emaranhado do desejo, em que ter o corpo do outro para tocar e ser o outro que desejamos tocar são a mesma coisa, apenas margens opostas de um rio que passa de nós a ele, volta a nós e a ele novamente, em um ciclo sem fim em que as cavidades do coração, como as armadilhas do desejo, os buracos de minhoca do tempo e as gavetas de fundo falso a que chamamos identidade compartilham uma lógica sedutora, segundo a qual a distância mais curta entre a vida real e a não vivida, entre quem nós somos e o que queremos, é uma escada em caracol projetada com a crueldade impiedosa de M. C. Escher (ACIMAN, 2018, p. 82).

Notamos que Elio não consegue entender esse desejo que sente por Oliver e diversas vezes se indaga se o que sente realmente pode ser considerado como desejo, diferentemente de momentos em que deseja o corpo de Marzia, em que o narrador protagonista não sente em nenhum momento abjeções sobre esse desejo. Esse sentimento de abjeção é introjetado pelo

protagonista justamente pelo fato de que há na sociedade uma busca por “corpos educados”, “corpos dóceis”, sobre os quais se impõe os padrões heteronormativos à sexualidade e ao modo de vida dos indivíduos em relação ao seu próprio corpo (LOURO, 2000).

Observamos que os atos afetivos que Elio executa com Marzia não desencadeiam o sentimento de transgressão, pois satisfaz os protótipos heteronormativos:

Usando o pé de apoio, deixei a bicicleta no meio do beco e, quando estávamos próximos um do outro, segurei o rosto dela com as mãos. Então me inclinei e começamos a nos beijar, minhas mãos embaixo da sua camisa, as dela no meu cabelo. Eu amava sua simplicidade, sua doçura. Estavam em cada palavra que Marzia tinha dito naquela noite – livres, francas, humanas – e no modo como seus lábios respondiam as meus, sem inibição, sem exagero, como se sua conexão entre lábios e quadris fosse fluida e instantânea. Um beijo na boca não era um prelúdio para um contato maior, já era o contato em sua totalidade (ACIMAN, 2018, p. 137).

Percebemos, dessa forma, que o romance busca desencadear as principais descobertas de Elio sobre si mesmo, e que nesse processo de transição, com oscilação de desejos, ele sente certa inadequação de seus sentimentos por Oliver.

A oscilação dos desejos do narrador personagem e sua busca por entendê-los se faz amplamente presente no fragmento abaixo:

Ela pediu que eu me virasse e não olhasse enquanto ela usava a blusa para secar o corpo. Fingi espiar, mas era obediente demais para não fazer o que me mandavam. Não ousei pedir que ela não olhasse enquanto eu vestia minhas roupas, mas fiquei feliz por ela ter se virado. Quando não estávamos mais nus, peguei sua mão e beijei a palma, então beijei o espaço entre seus dedos, e em seguida seus lábios. Ela demorou retribuir, mas depois não queria parar (ACIMAN, 2018, p. 63).

Essa oscilação de desejos e sensações dá espaço àquilo que Stuart Hall (2002) considera como identidade mutável. Para esse teórico, não se pode definir a identidade como algo fixo, mas sim como um elemento inacabado e que se finda a partir das relações entre os indivíduos. O que ocorre durante todo o percurso da narrativa. Percebemos que a partir do relacionamento profícuo que vai se findando entre Elio e Oliver, ambos vão se descobrindo e redescobrando, principalmente Elio, que ainda é muito jovem.

Notamos que, por mais que Elio procurasse se enxergar como ser fixo, e abnegasse seus desejos por Oliver em relação aos desejos que tinha por Marzia, era inevitável desejá-lo,

pois não cabia a ele deixar de sentir desejo pelo corpo de Oliver, visto que, por mais que ele ainda não entendesse, esse desejo começara a fazer parte de sua identidade.

Essa busca por desejar mulheres para se convencer que o homoerotismo não faz parte de sua identidade ganha força em grande parte da narrativa, principalmente após ele se encontrar com Marzia. Elio busca contar a seu pai e a Oliver sua experiência heteronormativa, para assim esconder dos outros e de si mesmo a sua identidade:

- Quase transamos – disse a meu pai e a Oliver na manhã seguinte durante o café.
 - E por que ficaram no quase? – perguntou meu pai.
 - Sei lá.
 - Melhor tentar e fracassar... – Oliver estava ao mesmo tempo tirando sarro e me consolando.
 - Só me faltou coragem para ir adiante, ela teria deixado – disse, em parte para evitar mais críticas de um deles, mas também para deixar claro que, se era pra tirar sarro, eu sabia muito bem rir de mim mesmo.
 - Eu estava me exibindo.
 - Tente de novo depois – disse Oliver.
- Era o que as pessoas bem resolvidas faziam. Mas eu também sentia que ele estava querendo dizer mais do que aquilo, talvez por haver algo de inquietante em seu presunçoso tente de novo depois, ainda que bem intencionado. Ele estava me criticando. Ou tirando sarro de mim. Ou sacando meu disfarce. Percebi isso quando ele finalmente disse o que queria. Só alguém que tivesse me sacado completamente diria aquilo.
- Se não depois, quando?
- Ecoava as famosas palavras de Hiel. Se não agora quando? Oliver tentou na mesma hora retirar sua observação contundente.
- Eu com certeza tentaria de novo. E de novo.
- Era a versão mais amena. Mas tente de novo depois era a versão velada de se não depois, quando? Repeti aquela frase como se fosse um mantra profético que revelava como ele vivia sua vida e como eu tentava viver a minha. Repetindo o mantra que saía de sua boca, talvez eu tropeçasse em alguma passagem secreta ou verdade latente que até então tinha me escapado, sobre mim, sobre a vida, sobre os outros, sobre minha relação com os outros (ACIMAN, 2018, p. 64-65).

A partir desse diálogo, fica explícita a busca de Elio por demonstrar o enquadramento na sociedade heteronormativa, pois sua relação com Marzia era vista como algo natural e admirável por pertencer às exigências heteronormativas da sociedade. Sua abnegação de sua identidade gay nada mais é que o reflexo do olhar social. Ao “se exhibir” para o seu pai e para Oliver acerca de seu encontro com Marzia, Elio estava, na verdade, tentando enganar a si mesmo e a sociedade sobre sua identidade.

Essa busca incessante de negar a si mesmo nada mais é do que um reflexo histórico-social, pois, desde os tempos mais remotos, o sujeito gay era visto das mais diversas formas pejorativas, “ora era visto como pecador, ora como enfermo, ora como delinquente, ora como

transgressor, ora como promíscuo” (ALMEIDA, 2013 p. 16). Viver em uma sociedade em que não se é aceito causa no indivíduo gay marcas dolorosas, porque saber que esta considera os corpos gays como “indisciplinados” e abjetos faz com que muitos indivíduos se vejam como biológica e moralmente errados, uma vez que esses são os sentimentos que a sociedade incita, há anos, em relação aos sujeitos gays. É nessa perspectiva que entendemos o policiamento constante de Elio e Oliver sobre o desejo que sentem um pelo outro.

Um dos fatores que mais influencia a sociedade a considerar os corpos gays como corpos que não pesam é a associação da orientação sexual a fatores fisiológicos e religiosos, que se pautam nas relações heterossexuais. Contudo, Almeida (2013, p. 3-4) considera que:

A Teoria Queer, desenvolvida por vários estudiosos, parte do princípio de que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um construto social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, mas sim formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Diante disso, fica claro que a orientação e a identidade sexual não podem ser olhadas pelo viés fisiológico, mas sim pelas constantes relações que permeamos em sociedade. É nessa vertente que a construção identitária de Elio é confusa para ele. Vejamos:

O que jamais imaginei foi que alguém que vivia debaixo do nosso teto, que jogava baralho com a minha mãe, tomava café da manhã e jantava à nossa mesa, recitava a bênção hebraica às sextas-feiras por pura diversão, dormia em uma de nossas camas, usava nossas toalhas, compartilhava da companhia dos nossos amigos, assistia à TV conosco nos dias chuvosos e frios em que ficávamos na sala sem cobertores, todos muito confortáveis por estar ali juntos ouvindo a chuva bater nas janelas... *que alguém que fazia parte do meu mundo poderia gostar do que eu gostava, querer o que eu queria, ser quem eu era*. Isso nunca me passaria pela cabeça porque eu ainda estava sob a ilusão de que, a não ser pelo que eu lia em livros, deduzia de boatos e ouvia de conversas indecentes, ninguém da minha idade jamais quis ser homem e mulher – com homens e mulheres. *Eu já tinha sentido desejo por outros homens da minha idade e dormido com algumas mulheres. Mas antes do dia em que ele saiu daquele táxi e entrou em nossa casa, nunca teria parecido minimamente possível que alguém tão jovem e tão em paz consigo mesmo desejaria compartilhar seu corpo comigo tanto quanto eu desejava entregar o meu* (ACIMAN, 2018, p. 34, grifos nossos).

Entendemos, a partir desse trecho, o quanto a construção da identidade traz questionamentos e perturbações para Elio, uma vez que, por mais que pertencesse a uma família aberta a todas as culturas, apenas conhecia a identidade gay através de conversas

“indecentes”. Nessa perspectiva, distinguimos que o personagem protagonista ouvira discursos pejorativos acerca da identidade gay.

O fato de pertencer a um ciclo social multicultural não permite a Elio uma melhor compreensão acerca de si em grande parte da narrativa. Essa compreensão ocorre a partir da metáfora que Sara Salih propõe:

[...] uma vez que estamos vivendo dentro da lei ou no interior de uma dada cultura, não há possibilidade de nossa escolha ser inteiramente “livre”, e é bem provável que a “escolha” de nossas roupas metafóricas se ajuste às expectativas ou talvez às demandas de nossos amigos ou colegas de trabalho, mesmo sem nos darmos conta de que estamos fazendo isso. Além disso, o conjunto de roupas disponíveis será determinado por fatores tais como a nossa cultura, o nosso trabalho, o nosso rendimento ou o nosso status e origem social (2021, p. 72-73).

Fica claro, nesse fragmento, o quanto as regras impostas, mesmo que algumas delas sejam de forma implícita, interfere e deixa marcas na vida de Elio. É inegável que, mesmo sendo de uma família mais aberta culturalmente, o peso do julgamento da sociedade não deixa de emergir nos sujeitos gays. Contudo, mesmo tentando lutar contra a própria identidade e seus desejos, o narrador personagem não consegue controlar o desejo que sentia por Oliver, como vemos no fragmento a seguir:

Ainda assim, mais ou menos duas semanas após sua chegada, o que eu queria todas as noites era que ele saísse do seu quarto, não pela porta da frente, mas pela que dava acesso à nossa varanda. Eu queria ouvir a porta dele se abrir, ouvir suas alpargatas na sacada e em seguida o barulho da minha porta – que nunca estava trancada – sendo aberta quando ele entrasse no meu quarto depois que todos já tivessem ido dormir, deitasse embaixo das minhas cobertas, tirasse minhas roupas sem pedir e, depois de fazer com que eu o desejasse mais do que eu imaginava ser capaz de desejar outra alma, de modo gentil e suave, com a bondade que um judeu oferece ao outro, entrasse em meu corpo depois de ouvir as palavras que eu vinha ensaiando havia dias. Por favor, não me machuque, o que eu queria dizer: Me machuque o quanto quiser (ACIMAN, 2018, p. 34-35).

O fragmento acima se sucede ao momento em que Elio se indaga sobre sua própria identidade, logo, podemos observar que, mesmo lutando contra o desejo e sua própria identidade, o personagem não consegue controlar o desejo que sentia. Essa incapacidade de conter esse desejo se dá pelo fato de que o indivíduo não possui uma identidade fixa, como já dissemos anteriormente, o que nos remete ao que Araújo afirma ao se referir ao desejo:

Frise-se que os estudos modernos entendem que a orientação sexual não se limita a uma opção pessoal, uma vez que o desejo do ser humano não é algo racional, mas sim implica a capacidade afetiva, sexual e emocional, que, como bem se sabe, foge à escolha de cada um (2018, p. 17).

O excerto acima ilustra nitidamente a relação complexa entre Elio e a construção de sua identidade, pois o personagem tenta lutar contra o desejo e se limitar a um modo de ser imposto pela sociedade, entretanto, essa luta se caracteriza como dolorosa, pois como bem ressaltou o teórico, o desejo não se atém aos limites racionais.

É pelo fato de o desejo ser latente que Elio nunca consegue vencê-lo, mesmo que isso lhe cause abnegações, já que o desejo o consome incessantemente, de maneira incontrolável, como vemos na passagem abaixo:

Então chegou aquela tarde de domingo em julho quando a casa de repente ficou vazia, nós dois os únicos ali, e o fogo dilacerou minhas vísceras – porque “fogo” foi a primeira palavra, a mais fácil, que me ocorreu naquela mesma tarde quando tentei racionalizar em meu diário o que havia acontecido. Eu esperei eternamente em meu quarto, preso à cama em um transe de pavor e expectativa. Não era o fogo da paixão nem um fogo devastador, mas algo paralisante, como o fogo de bombas de fragmentação que sugam o oxigênio ao redor e deixam você ofegante como se tivesse levado um chute na boca do estômago e o vácuo tivesse rasgado todo o tecido pulmonar e deixado a boca seca, então você espera que ninguém fale, porque você mesmo não pode falar, e reza para que ninguém peça que você se mova, porque seu coração está entupido e bate tão rápido que cuspiria estilhaços de vidro antes de permitir que qualquer outra coisa fluísse por suas cavidades estreitadas. O fogo do medo, do pânico, mais um minuto e eu vou morrer se ele não bater à minha porta, mas ainda assim prefiro que nunca bata. *Eu me acostumava a deixar as portas francesas que davam para a varanda entreabertas, e estava deitado na cama só de calção de banho, o corpo inteiro pegando fogo.* Um fogo que era como um apelo: por favor, por favor, me diga que estou errado, me diga que imaginei tudo isso porque não pode ser verdade para você também, e se for verdade pra você também, então é o homem mais cruel que já existiu (ACIMAN, 2018, p. 21-22, grifos nossos).

Identificamos nesse trecho a luta constante de Elio contra o desejo, uma vez que, por mais que ele estivesse sendo dominado por esse desejo, ele o temia. Reparamos que isso ocorre, também, pelo fato de que Elio, por muito tempo, sentia dúvidas sobre o que Oliver sentia por ele, se era recíproco e verdadeiro ou apenas fantasia de sua cabeça. Tudo isso faz com que a construção de sua identidade seja dolorosa e incompreensível para ele, visto que seu racional o fazia acreditar que tal identidade era imoral e abjeta.

Por mais que o lado racional de Elio tentasse impedi-lo de desejar outro homem, não era possível controlar esse desejo, pois, como vimos ao longo dessa discussão, o desejo não se

limita a paradigmas preestabelecidos. Elio sente que essa luta é fracassada quando não consegue mais controlar os impulsos de seu desejo por Oliver, como vemos a seguir:

Na tarde em que ele finalmente entrou no meu quarto sem bater, como uma resposta às minhas orações, e perguntou por que eu não estava com o pessoal na praia, embora não tenha conseguido dizer só consegui pensar em responder: *porque eu queria ficar com você. Com você, Oliver. Com ou sem meu calção de banho. Ficar com você na minha cama. Na sua cama.* Que é minha nos outros meses do ano. *Faça o que quiser comigo. Sou seu. Basta perguntar se eu quero e esperar pela resposta, mas não me faça dizer não.* E me diga que eu não estava sonhando naquela noite em que ouvi um barulho à minha porta e de repente percebi que alguém estava no meu quarto, que alguém estava sentado ao pé da minha cama, pensando, pensando, pensando, e que esse alguém finalmente começou a vir na minha direção e de repente estava deitado, não ao meu lado, mas em cima de mim, meu corpo de bruços, e gostei tanto disso que, em vez de arriscar qualquer gesto que demonstrasse que eu estava acordado ou fizesse com que ele mudasse de ideia e fosse embora, fingi estar dormindo enquanto pensava: Isso não é, não pode ser um sonho, porque as palavras que me ocorreram, enquanto mantinha os olhos fechados, foram: É como a sensação de voltar para casa, como voltar para casa depois de anos troianos e lestrigões, como voltar para casa onde todos são como você, onde as pessoas sabem, simplesmente sabem... voltar para casa, como quando tudo se encaixa e de repente você percebe que passou quase duas décadas perdendo tempo com a combinação errada. Foi quando decidi expressar, sem me mover, sem mover um único músculo, que eu estaria disposto de ceder se você insistisse, que eu já tinha cedido, que já era seu, todo seu, mas de repente você não estava mais lá e, embora parecesse real demais para ser um sonho, eu estava convencido de que tudo que eu queria daquele dia em diante era que você fizesse exatamente o que tinha feito enquanto eu dormia (ACIMAN, 2018, p. 22-23, grifos nossos)

O desejo de Elio torna-se tão incontrolável que faz com que o personagem protagonista crie fantasias com Oliver, para que seu desejo se consuma através de sonhos. Com esse ato percebemos, então, a noção de que o indivíduo não consegue dominar o desejo, tampouco a própria identidade. Reparamos, dessa forma, a latência do desejo que faz com que o protagonista, ao sentir tanto desejo por Oliver, antecipa os atos sexuais em seus sonhos.

Após finalmente consumir os atos que desejara fazer com Oliver, Elio começa uma busca incessante por reprimir tais sentimentos e desejos. No entanto, esse desejo continua a se instituir de forma cada vez mais branda, como vemos abaixo:

Quando ele desceu para o café da manhã, estava usando meu calção de banho. Não chamaria a atenção de ninguém na casa, porque todos sempre trocavam roupas de banho, mas foi a primeira vez que ele fez isso, e era o mesmo calção que eu tinha usado ao amanhecer quando fomos nadar. Vê-lo usando minhas roupas me deu um tesão insuportável. E ele sabia disso. Nós dois ficamos excitados. Pensar em seu pau roçando o forro onde o meu tinha estado me lembrava de como, diante dos meus olhos e depois de tanto esforço, ele finalmente gozou sobre meu peito. Mas não era isso que me deixava excitado. Era a porosidade, a fungibilidade de nossos corpos... o

que era meu de repente era dele, assim como o que pertencia a ele podia ser meu agora (ACIMAN, 2018, p. 167, grifos nossos).

A partir desse excerto, percebemos o que nos afirma Bataille (1987) ao dizer que o desejo é recorrente ao erotismo, que depende da subjetividade de cada indivíduo. Nesse sentido, a subjetividade de Elio, perpassada pela procura incessante pelo corpo do Oliver em busca de se completar, vai se formando e autodescobrindo sua identidade. Portanto, percebemos que a busca de reprimir esse desejo se torna falha.

Nessa perspectiva, entendemos que o desejo de Elio vai ao encontro com o que propõe Antonio de Pádua Silva (2012), ao afirmar que o desejo está amplamente ligado pela busca do corpo do outro, pois, no homoerotismo, o indivíduo busca subjetivar-se a partir do corpo do outro. O que Ítalo Moriconi (2002, p. 126) considera como “corpo suporte, corpo em pedaços, à caça de sensações cada vez mais intensas, em busca do êxtase infinito, final, fatal”.

Essa subjetivação pelo corpo do outro pode ser compreendida no seguinte fragmento do romance:

Para você, assim como Até depois!, tinha um quê de improviso, de aqui, pegue, que me fazia pensar em como meus desejos eram tortuosos e secretos em comparação à espontaneidade expansiva de tudo o que ele fazia. Ele jamais pensaria que, ao colocar o damasco em minha mão, estava me entregando sua bunda ou que, ao morder a fruta, eu também mordida aquela parte do seu corpo que devia ser mais clara que o restante porque nunca se aplicava – e, perto dali, se eu ousasse ir mais longe, sem membro suculento como a fruta (ACIMAN, 2018, p. 46).

A latência do desejo aparece de forma tão abrangente que no fragmento acima notamos a busca pelo outro através de metáforas, em que há a comparação do corpo de Oliver com uma fruta. Dessa forma, Elio busca satisfazer seus desejos através do corpo de Oliver, em que o narrador-protagonista usa o corpo como objeto de sua própria identidade. O desejo de Elio pelo corpo de Oliver é narrado de formas díspares, porque este o faz de maneira singela e minuciosa, captando os principais detalhes do corpo do outro, e mostrando desejo por todas essas partes detalhadamente, como vemos no excerto abaixo:

Mas eu não enganava a mim mesmo. Estava convencido de que ninguém no mundo o desejava de modo tão primitivo quanto eu; de que ninguém estava tão disposto a ir até onde eu iria por ele. Ninguém tinha estudado cada osso de seu corpo, tornozelos,

joelhos, pulsos, dedos das mãos e dos pés, ninguém desejava cada contração muscular, ninguém o levava para a cama todas as noites e, ao vê-lo de manhã deitado em seu paraíso à beira da piscina, sorria para ele, via o sorriso vir a seus lábios e pensava, sabia que eu gozei na sua boca ontem à noite? (ACIMAN, 2018, p. 50).

Notamos, então, que o desejo homoerótico de Elio se faz recorrente de maneira ampla na narrativa, pois há a descrição de cada detalhe do corpo desejado, o que coaduna com o pensamento de Canclini (1997) ao afirmar que não se pode conter o desejo, mesmo que haja uma relutância por tal sentimento. O que identificamos em vários momentos da narrativa, pois Elio não consegue conter esse desejo que o consome, mesmo estando ciente de seus momentos de transgressão.

No transcorrer da narrativa, esse desejo homoerótico vai ganhando cada vez mais espaço na vida do narrador-personagem, como lemos no seguinte fragmento:

Levantei e peguei um dos pêssegos, abri a fruta com os dedos, coloquei o caroço na mesa e levei gentilmente o pêssego felpudo e colorido até meu pau, então comecei a pressionar até que a fruta aberta escorregasse por ele. [...] Se Oliver me visse agora, eu deixaria que ele me chupasse como tinha chupado naquela manhã. [...] O pêssego estava macio e firme, e quando finalmente consegui rompê-lo ao meio com meu pau, percebi que o núcleo avermelhado lembrava não só um ânus, mas uma vagina, então, segurando cada metade em uma das mãos e pressionando-as com firmeza contra meu pau, comecei a me esfregar, pensando em ninguém e em todo mundo, incluindo o pobre pêssego, que não fazia ideia do que estava acontecendo, só sabia que tinha que deixar rolar e no fim provavelmente sentiu o prazer do ato, a ponto de eu pensar que o ouvi dizer Me come, Elio, mais forte e depois de um tempo, Eu falei mais forte! (ACIMAN, 2018, p. 172-173).

Observamos, mais uma vez, através deste excerto, a força do desejo e a busca pelo prazer da personagem, em que há a simbolização do corpo do outro através de uma comparação com um pêssego. Contudo, essa metáfora da fruta se faz de modo mais amplo, pois ao mesmo tempo em que o pêssego é comparado com um ânus ele também é comparado com uma vagina, mostrando que Elio deseja tudo e nada ao mesmo tempo, querendo apenas sentir o prazer que o consome.

O corpo, o amor, o desejo e a interação são fatores inerentes ao ser humanos que, por sua vez, acabam por se manterem relacionados com a educação, meio cultural e social ao qual estão inseridos. Sob essa perspectiva, ao abordar a ideia da imaginação, mente e corpo, torna-se evidente que as instituições sociais exercem uma forma de dominação frente aos indivíduos. Nesse sentido, os sujeitos moldam seus comportamentos, de modo a rejeitar ou

construir um novo significado, sobretudo, em relação à sexualidade e nas relações homossexuais.

Ao falar acerca da educação, não necessariamente a educação formal para preparação para o mercado de trabalho, mas, sim, aquela voltada para a construção da identidade do sujeito, pode ser notabilizada a importância em incluir, nos currículos escolares, a educação sexual com o intuito de fazer com que os alunos, enquanto cidadãos, compreendam essa interação como uma forma natural da vida. Vale salientar, ainda, que a educação sexual é imprescindível a fim de que haja a promoção da inclusão dos temas sobre as desigualdades de gênero. Portanto, o texto “O corpo educado: pedagogias da sexualidade” (2000) acaba por instaurar a reflexão acerca da sexualidade e das dimensões sociais do corpo, visando compreender como a sexualidade, o corpo e as diferentes interações do meio social estão ligados entre si e, principalmente, como essa relação afeta o indivíduo.

Ainda que o livro em questão tenha sido construído sob o viés dos debates feministas, é possível associá-lo à história de Élio e Oliver, haja vista o fato de que aborda a diferença sexual e o conceito de gênero. Ademais, Butler apontou que a construção de gênero deve ser debatida com o intuito de gerar uma reflexão sobre as exclusões e sobre como o construcionismo social impacta a vida das pessoas. Cabe ressaltar, além disso, que o tal fenômeno pode ser concebido como o desenvolvimento de compreensão que se dá por meio da comunicação do mundo, de modo a servir como embasamento para a manutenção dos comportamentos atuais. Dessa forma, sabendo que há a efetivação de atitudes construcionistas do gênero, o texto acaba por dialogar com a negação e auto aversão, sob o ponto de vista de Élio no que concerne aos seus sentimentos e relação com Oliver.

Nesse cenário, o corpo acaba por ser controlado e esse controle afeta a maneira como as pessoas se comportarão, sobretudo, frente à questão da sexualidade. Posto isso, os argumentos supracitados corroboram com a ideia proposta pela autora, uma vez que em seu ver:

A categoria do "sexo" é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de "ideal regulatório". Nesse sentido, pois, o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla (BUTLER, 2000, p. 107).

Logo, as relações de gênero são vistas de maneiras diferentes, influenciando negativamente nas relações homoafetivas, já que as pessoas que possuem relações com outros

indivíduos do mesmo sexo são tidas como erradas. Essa distinção é amplamente discutida no livro organizado por Louro (1999), visto que os textos ali inseridos discorrem acerca do gênero sob o ponto de vista da construção social e constrói um olhar para como tem sido abordado e modificado. Essa mudança é a chave para que haja uma reflexão sobre a importância em discutir o assunto a fim de proporcionar o desenvolvimento da tolerância e, por conseguinte, aceitação, visando “(des)naturalizar posturas sexistas”.

Butler (1999) trouxe consigo a realidade que, apesar de ter sido escrita com o olhar daquela época, ainda se faz presente, fazendo com que os afetados busquem por diferentes formas de comunicação e, algumas vezes, precisam lidar com a negação de seus instintos e sentimentos. Em se tratando da negação, é importante construir um olhar mais atento para o que significa abjeção, em primeiro momento, de acordo com o dicionário e, posteriormente, com base na autora. A compreensão desse conceito é imprescindível para que seja analisada a negação do desejo expressa por Élio frente a Oliver pela perspectiva da abjeção.

Segundo o dicionário *online* de Português, abjeção pode ser definido como:

Oposição; motivo ou argumentação que se apresenta para contestar algo.
 Óbice; obstáculo apresentado em relação a uma proposição.
 Ação de objetar, de rejeitar ou contestar.

E de acordo com a autora, o que é um corpo abjeto? Seriam aqueles tidos como excluídos ou diferentes? Em uma entrevista que a autora concedeu para Prins, Baukje, e Irene Costera Meije (2012), tornou-se evidente que, apesar de não citar de maneira direta quais são os corpos abjetos, ela cita questões que envolvem sexo e heterossexualidade. Nesse sentido, a autora aborda questões que envolvem a exclusão gerada por pontos de vista diferentes, de modo que acabam promovendo a abjeção do homossexual. A abjeção dos corpos pode ser compreendida sob vários aspectos, por exemplo: não ver os refugiados como pessoas que possuem uma vida, já que muitas vezes sofrem com a xenofobia e acabam mortos. Portanto, a abjeção, em ambos os casos, pode ser vista como uma forma de negação e exclusão das pessoas.

Notamos, desse modo, que o corpo se faz elemento imprescindível para que Elio subjetive seus desejos e alcance a transição de sua identidade. É perceptível também que os sentimentos por Oliver não se caracterizavam apenas como uma busca por satisfação de seus desejos, mas, também, como tentativa de se completar a partir do outro. É necessário trazer em pauta, ainda, que a negação e a auto aversão do desejo que Élio sente por Oliver são frutos

das relações sociais, bem como do discurso transmitido, de modo que aqueles tidos como diferentes acabam por sofrerem com a exclusão. Além da exclusão, essas pessoas, por diversas situações, precisam se adaptar e procurar por moldar seus comportamentos, haja vista o fato de que, nesse cenário, sofrem com a abjeção, em resumo, com a negação.

Visando concluir o objetivo do presente subcapítulo, analisaremos os aspectos do corpo e o olhar, simultaneamente, a fim de abordar a imaginação de Élio em relação a Oliver. Com isso, o texto *Sobre a mesa de mármore do café, uma iguaria canibal: perspectivas do olho, entre Walter Benjamin e Georges Bataille*, do autor Marcelo Jacques, faz relação direta com o corpo e o olhar, visando compreender o fato de que, por meio do olhar, é possível interpretar o que o outro quer transmitir. Além disso, é possível abordar a passagem do romance em que Élio fala sobre um “olhar ríspido”, de modo que pode ser comparado ao olhar que invade o corpo do outro.

Posto isso, o texto em questão, em determinada passagem, constrói uma relação entre o olhar e as possíveis interpretações, visando possibilitar o entendimento de que o olhar pode representar a linguagem. Sob esse viés, é importante trazer em pauta o trecho em que há uma explicação sobre esse olhar:

E é justo na medida em que, no limite do fascínio, o olho horroriza que Bataille aproxima-o do que corta, da lâmina, do gume, evocando então a famosa cena do “corte a sangue frio” do olho de uma jovem no filme *O cão andaluz*, de Salvador Dalí e Luis Buñuel: “Desse ponto de vista, o olho poderia ser aproximado do gume, cujo aspecto também provoca reações agudas e contraditórias: é isso que devem ter sentido de maneira terrível e obscura os autores de *O Cão andaluz* quando, nas primeiras imagens do filme, decidiram pelos amores sangrentos daqueles dois seres. O corte a sangue frio, com uma navalha, do olho deslumbrante de uma mulher jovem e encantadora é o que teria admirado até a desrazão um jovem que, observado por um gatinho deitado e tendo por acaso nas mãos uma colher de café, teve de repente vontade de tomar um olho com a colher (MORAES, 2017).

Com isso, torna-se evidente que Élio fala sobre o olhar que “corta”, em síntese, aquele olhar que é expressivo. Logo, assim como fora notabilizado no decorrer do capítulo, é possível observar que a linguagem e a fala se consolidam por meio de diferentes formas. Nesse sentido, a história de Élio e Oliver, orientada para a maneira como a relação e o comportamento são representados em função da influência social na qual os indivíduos estão inseridos. Vejamos:

O olhar ríspido sempre voltava. Um dia, junto à piscina, enquanto eu tocava violão no quintal, naquela que tinha se tornado a “minha mesa”, ele estava deitado na

grama, e eu logo reconheci o olhar. Olhava para mim enquanto eu me concentrava no braço do violão e, quando subitamente ergui o rosto para ver se estava gostando do que eu tocava, lá estava ele: incisivo, cruel, como uma lâmina reluzente recolhida no momento exato em que sua vítima a percebe. Ele deu um sorriso sem graça, como se dissesse: Agora não adianta esconder (ACIMAN, 2018, p. 18).

Vale salientar ainda que o fato de como o olhar penetra seu corpo e o faz sentir o que quer passar e, por conseguinte, é responsável por provocar sentimento em relação a quem vê. Posto isso, há algumas partes dessa narrativa em que tal feito é facilmente percebido, haja vista o fato de que Élio, no decorrer do livro, retrata os seus comportamentos e, sobretudo, seus pensamentos. Diante disso, convém salientar os seguintes comentários feitos por Élio, a fim de fixar a relação supracitada – a influência do olhar frente ao corpo:

Em vez de falar, dei de ombros, esperando que ele entendesse o gesto e não fizesse mais perguntas. Eu não queria que falássemos. Quanto menos falássemos, mais livres nossos movimentos seriam. Gostei de abraçá-lo. (ACIMAN, 2018, p. 170).

Ainda não tinha sido capaz de admitir para mim mesmo o quanto Oliver me deixou feliz no dia em que engoliu meu pêssego. É claro que aquilo me emocionou, mas também me deixou lisonjeado, como se o gesto me dissesse: Eu acredito com cada célula do meu corpo que cada célula do seu não deve, nunca deve morrer, e se tiver que morrer, que seja dentro do meu corpo (ACIMAN, 2018, p. 274).

Dessa forma, torna-se evidente que Elio, muitas vezes, prefere utilizar outras maneiras de comunicação como abraços e olhares do que a fala propriamente dita. O que reafirma a questão do olhar que penetra presente no romance.

2.2 Amizade e alteridade entre Elio e Oliver

É importante ainda, visando consolidar a relação entre os elementos abordados no presente capítulo, retomar o texto “Foucault: amizade e experimentação”, presente no livro *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault* (2000) escrito por Franciso Ortega. Essa análise é imprescindível a fim de abordar acerca das ideias que envolvem a amizade e o modo de vida gay, de modo a construir um olhar mais atento e crítico para a relação de Élio e Oliver. Ademais, vale salientar outra amizade citada como exemplo com o intuito de que seja compreendida a relação entre a amizade e a experimentação.

É fato que a amizade e a experimentação constroem uma espécie de interação que, por sua vez, auxiliam na construção e reescritura acerca de si e do meio no qual estão inseridos. O livro *Para uma política de amizade*, de Francisco Ortega, promove uma nova apresentação em relação à interação interpessoal que, sob o ponto de vista de Foucault, pode ser marcada pela amizade e ética existencial. Posto isso, a interação dos indivíduos envolvidos se consolida por meio da discussão e constituição de identidades por meio dos contatos com diferentes pessoas, como relata Foucault:

Os homossexuais não devem apenas se defender, porém também se afirmar e não somente enquanto identidades, mas prioritariamente enquanto força criativa. Trata-se de reconhecer-se enquanto homossexual, isto é, atribuir-se o valor necessário e realizar-se enquanto homossexual: buscar inventar e desenvolver, através de uma ascese contínua, um modo de vida gay, um tornar-se gay. (...) Em suma, para que a homossexualidade exerça e não perca seu caráter de inovação e resistência ao poder subjetivante moderno é preciso que suas lutas estratégicas não se limitem, como vimos, apenas às exigências por isonomia ou a uma identidade política, porém se prolonguem em uma constante “criação de novas formas de vida, de relações, de amizades nas sociedades, a arte, a cultura de novas formas que se instaurassem por meio de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas” (CARDOSO, NALDINHO, 2009, apud. FOUCAULT, 1984).

Portanto, é possível compreender que, conforme fora explicitado por Foucault, as relações de amizade, a arte e a cultura podem ser vistas como parte da construção da identidade dos indivíduos. Logo, a relação entre os sujeitos proporciona a interação alternativa que auxilia no desenvolvimento da identidade dos envolvidos. Com isso, a forma como os sujeitos vivem e conduzem suas interações sociais possui relação direta com a influência que cada um tem na vida do outro. Nesse sentido, a amizade, sob o viés de interação, proporciona uma nova maneira de viver, com o intuito de mostrar que a alteridade é parte desse novo cenário. Vale salientar, ademais, que a alteridade se consolida no fato de que a amizade faz com que as personagens consigam ver o mundo de acordo com as perspectivas do outro, promovendo o acolhimento. Francisco Ortega salienta que:

Na relação com os indivíduos livres através da ação e do discurso é possível para o sujeito se diferenciar, mostrar seu valor e poder reconhecer-se na alteridade (...) práticas de liberdade são práticas de liberdade positiva, pública, isto é, liberdade para constituir a própria existência segundo critérios estéticos: a ética do cuidado de si como prática da liberdade, ou seja, liberdade ontológica da ética e a ética como forma refletida que adota a liberdade (ORTEGA, 2001, p. 92).

Em “Foucault: amizade e experimentação”, Francisco Ortega aborda questões que envolvem: amizade, decisão sexual, relações, ética e afins, visando compreender como a amizade e a interação se ligam com a experimentação. No entanto, em função das instituições sociais, torna-se evidente que o modo de vida entre os homossexuais acaba por sofrer influência, coibindo sua forma de comportamento. Com isso, é possível corroborar com o exposto por Fernando Ortega (2002, p. 90 – 91), já que é explicitado que:

segundo Foucault, vivemos em um mundo onde as instituições sociais têm contribuído para limitar o número possível de relacionamentos. A razão dessa restrição decorre do fato de que uma sociedade que permitisse o crescimento das relações possíveis seria mais difícil de administrar e de controlar. A luta homossexual deve aspirar à criação de um novo “direito relacional” que permitia todo tipo possível de relações, em vez de impedi-las ou bloqueá-las.

[...]

O projeto foucaultiano de uma ética da amizade no contexto de uma possível atualização da estética da existência permite transcender o quadro da auto elaboração individual para se colocar numa dimensão coletiva. A amizade supera a tensão existente entre o indivíduo e a sociedade mediante a criação de um espaço intersticial, passível de considerar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos e de sublinhar sua interação.

Tomando como parâmetro as citações acima, é importante construir uma ligação com a passagem do romance *Me chame pelo seu nome*, em que é feita uma citação acerca de Glauco e Diomedes – amigos que se reencontram. Esse reencontro faz com que Élio comece a refletir acerca do conceito de amizade, de modo a retratar o amor e, sobretudo, comparar Glauco e Diomedes a si e Oliver. Além disso, frente a essa parte da narrativa, é possível perceber os constantes questionamentos e suposições, fazendo com que ele entendesse, naquele momento, que estava apaixonado por Oliver. Neste íterim, Aciman (2018) consegue mostrar a relação entre a amizade, relacionamento e interação no romance, conforme verificamos na passagem a seguir:

O que eu queria? E por que eu não sabia o que queria, mesmo quando estava pronto para ser direto em minhas confissões? Talvez eu quisesse que ele ao menos falasse que não havia nada de errado comigo, que eu não era menos humano que qualquer outro cara da minha idade. Eu teria ficado satisfeito e não pediria mais nada, se ele simplesmente se abaixasse para recolher a dignidade que eu tinha lhe entregado com tanta facilidade.

Eu era Glauco e ele era Diomedes. Em nome de um culto obscuro entre homens, eu trocava minha armadura de ouro por seu bronze.

Troca justa. Nenhum dos dois barganhava, assim como nenhum dos dois falava de moderação ou extravagância.

A palavra “amizade” me vinha à mente. Mas a amizade, como os outros a definiam, me era estranha, algo inculto que não me importava.

O que posso ter desejado, do segundo em que ele saiu do táxi até a despedida em Roma, talvez tenha sido o que todos os seres humanos pedem uns aos outros, o que torna a vida viável. Teria que vir dele primeiro. Só então talvez viesse de mim. (...)

Sentado à mesa redonda, trabalhando em minhas transcrições durante aquelas manhãs, não queria a amizade dele, não queria nada (ACIMAN, 2018, p. 40).

Michel Foucault alude que as relações de amizade são dependentes de um ambiente do convívio entre os indivíduos que necessita ser produzido e reproduzido gradualmente. Refletir acerca da amizade é difundir o desafio para que novas maneiras de convívio sejam aceitáveis, novos estilos de relações possam aparecer para além dos parâmetros sociais (PELLIZZARO, 2015).

O campo no qual Foucault (1981) posiciona a amizade é o da homossexualidade, sobretudo pelo fato de que os relacionamentos homossexuais, para conservarem-se, necessitam de amizades mais do que as relações heterossexuais. Por não ser uma relação institucionalizada, a relação homossexual necessita ser amplamente recriada. Nesta perspectiva, a amizade desenvolve um pensamento crítico a um padrão que a sociedade limita e normaliza as subjetividades aos preceitos familiares, inibindo, assim, que modernas maneiras de relação se ampliem. Neste cenário, refletir acerca de uma sociedade a partir da ética da amizade, é ajuizá-la aberta à multiplicidade, à diferença, permitindo que o indivíduo se manifeste e se recrie frequentemente em suas relações.

Essa recriação e aceitação do próprio eu, através da amizade como modo de vida gay, pode ser encontrada no seguinte excerto do romance:

Quando estou com você e estamos bem juntos, não há nada que eu queira além disso. Você me faz gostar de quem eu sou, de quem me torno quando você está comigo. Se existe uma verdade no mundo, ela existe quando estou com você, e se eu tiver coragem para contar minha verdade a você um dia, me lembre de acender uma vela em cada altar de Roma para dar graças (ACIMAN, 2018, p. 62).

Observamos a presença do que Foucault (1981, p. 1) define como “a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo desejável”. Notamos que Elio deseja a todo instante a presença de Oliver; apesar dos momentos de indagações em relação aos próprios desejos, a relação que se instituiria com Oliver ia além do simples desejo. Essa

relação era vista como uma busca por completude de si mesmo através da relação com o outro.

Nessa perspectiva, a amizade pode ser entendida como uma modernização da estética da vivência, no alcance em que a maneira de vida gay concebe a promoção de novos mecanismos de subjetividades, relacionamentos, e, acima de tudo, de afetividade. A maneira de vida gay torna-se uma maneira de oposição política, sendo que os estágios de liberdade, que se ampliam a partir dos novos meios de relações homossexuais, vão aos poucos flexibilizando as relações de poder e, por conseguinte, os padrões relacionais instituídos pelo corpo social.

Refletir sobre a amizade, segundo Foucault (1981), denota ainda pensar uma nova economia dos prazeres de natureza não sexual, o que ele denomina como “dessexualização do prazer” (FOUCAULT, 1981, p. 738) nas relações de amizades homoeróticas, como podemos visualizar no seguinte fragmento do romance em análise:

E, no entanto, do nada, um momento de carinho surgia tão de repente entre nós que as palavras que eu desejava dizer quase escorregavam dos meus lábios. Momentos dignos do calção de banho verde, ainda que minha teoria das cores tivesse sido claramente refutada, e eu já não esperasse gentileza nos dias “azuis” ou ficasse mais cuidadoso em dias “vermelhos” (ACIMAN, 2018, p. 68).

Percebemos que os sentimentos que Elio sente por Oliver vão além de busca de prazeres e satisfação de desejos sexuais. Essa relação entre ambos se caracteriza essencialmente como aquilo que Foucault (1981) sintetiza como compartilhamento de vida, de tempo, desejo de relação e não apenas de prazer. Percebemos que a relação que Elio buscava cultivar com Oliver ia além de mero desejo, pois em muitos momentos, principalmente no início da narrativa, a personagem-protagonista buscava ter a aceitação e a reciprocidade de Oliver:

Meu mundo caiu. O que eu tinha feito para merecer aquilo? Queria que ele fosse gentil comigo como fizera dias antes nos trilhos abandonados, ou quando expliquei naquela mesma tarde que B. era a única cidade na Itália onde a corriera, a linha de ônibus regional, levava Cristo rapidamente e passava sem parar. Ele riu na hora e reconheceu a referência ao livro de Carlo Levi. Eu gostava de como nossas mentes pareciam caminhar lado a lado, como adivinhávamos de imediato as palavras que o outro queria usar mesmo que desistisse no último instante (ACIMAN, 2018, p. 16).

No excerto acima, percebemos a necessidade que Elio tinha de Oliver, como se a personagem protagonista precisasse do outro para se sentir completo. A busca por completude é comum em relações homoeróticas, visto que o sujeito gay tem sua identidade questionada e julgada, fazendo-o se sentir abjeto e sem valor social. Diante disso, Elio não buscava alguém apenas para satisfazer seus desejos, mas sim alguém com quem ele pudesse ser o que realmente era.

Nesse sentido, Foucault faz a seguinte afirmação:

Outra coisa da qual é preciso desconfiar é a tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema "Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?" Quem sabe, seria melhor perguntar: "Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?" O problema não é o de descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, mais importante que isso, usar, daí em diante, de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. E essa, sem dúvida, é a razão pela qual a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo de desejável. Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos. É para essa direção que caminham os desenvolvimentos do problema da homossexualidade, para o problema da amizade (1981, p. 38).

É possível analisar nesse excerto que é imprescindível enxergar a homossexualidade como uma possibilidade de ampliar as relações, o que ocorre com Elio, que se caracteriza como um indivíduo que absorve de seus sentimentos e desejos um relacionamento profícuo com Oliver: "Abri a boca. Antes que pudesse me dar conta, vomitei assim que ele tocou minha úvula. Mas que consolo ter alguém segurando minha cabeça, que coragem generosa segurar a cabeça de alguém enquanto esse alguém vomita. Será que eu seria capaz de fazer o mesmo por ele?" (ACIMAN, 2018, p. 236). A partir desse fragmento, é possível notar que a relação de Elio e Oliver era mais do que um simples desejo, era uma completude, em que a personagem-narradora enxerga sua homossexualidade como uma perspectiva de instituir uma relação de amizade/amor/companheirismo com o outro.

Por esse ângulo, observamos que "a amizade como modo de vida gay" é um dos elementos cruciais das relações homossexuais, considerando-se que esta parte do desejo apenas de se relacionar com o outro, independentemente de se atingir prazeres sexuais, pois esta se institui a partir da troca mútua de vivências, experiências e companheirismo, dentre outras possibilidades afetivas, como podemos observar no excerto a seguir:

Esse interesse foucaultiano pela amizade justifica-se pelo fato dos gays estarem buscando hoje em dia algo que possua certa relação com a homossexualidade, um estilo de vida. "Isso para onde caminha os desenvolvimentos do problema da homossexualidade é o problema da amizade" (FOUCAULT, 1981, online).

Diante disso, Miskolci (2006) comenta:

A reflexão de Foucault o levou a propor uma estética da existência no presente, uma forma de resistência à normalização. O caráter transgressor de sua proposta deve-se ao seu caráter minoritário inspirado em sua experiência de um modo de vida gay na América do Norte. Segundo o filósofo, uma nova existência só poderia ser alcançada mediante uma alternativa a formas de relacionamento socialmente prescritas e institucionalizadas (p. 169).

Nesse sentido, a estratégia da amizade como modo de vida gay entre as personagens Élio e Oliver pode ser analisada de acordo com a perspectiva de Foucault, já que, em seu ver, esse modo de vida vai além do ato sexual que, por sua vez, é um modo de vida que incomoda algumas pessoas. Logo, o estilo de vida gay consiste em uma negação em relação aos estereótipos, proporcionando uma forma de liberdade frente à moral e à identidade.

Além disso, a amizade como estratégia de vivência desses afetos decorre de uma imposição social baseada em aspectos sociais heteronormativos, uma vez que ambos pertencem a uma cultura com características judaicas, mesmo que Elio viva em um contexto multicultural, a voz de seu avô, vez ou outra, lhe soava aos ouvidos para repreendê-lo diante de tal comportamento que foge dos costumes da família. Além disso, em alguns recortes do romance, podemos observar que a amizade Heterossexual é “bem vista” e aceita, já que segue os padrões heteronormativos; vejamos o trecho a seguir:

Logo os dois se tornaram amigos. Ela estava sempre acordada quando ele voltava da corrida ou do mergulho matinal, os dois andavam juntos até o nosso portão e desciam as escadas com muito cuidado, iam até uma das pedras grandes onde sentavam e conversavam até a hora do café da manhã. Eu nunca tinha visto uma amizade tão bonita ou tão intensa. Nunca senti ciúme, e ninguém, certamente não eu, ousava interrompê-los ou tentar ouvir o que diziam. Jamais vou me esquecer de como ela dava a mão para ele depois que abriam o portão da escada que dava para as pedras (ACIMAN, 2018, p. 38).

Percebemos, então, que o fato de Oliver dar a mão para uma garota é descrito com normalidade por Elio, ou seja, um comportamento esperado para aquele contexto. Enquanto a relação de amizade de Elio e Oliver é mais discreta, sempre às escondidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura LGBTQIA+ dos anos 1960 foi de fundamental importância para o surgimento de grupos homossexuais que expressavam a uma sociedade desigual e heteronormativa que o sujeito gay existe e tem o direito de viver como um cidadão comum. A partir do século XX, a sexualidade tornou-se ponto de partida para as discussões de assuntos sociais na modernidade; a homossexualidade também é prazer, amor e sexo desde os primórdios do mundo. Ela está presente nas variadas formas de vida e por que não fazer dessa orientação sexual outra maneira de se expressar por meio da arte e da literatura? Essa indagação fez com que grandes autores LGBTQIA+ começassem a escrever e serem inseridos, mesmo que aos poucos, neste meio, como por exemplo: James Baldwin, Manuel Puig, Cassandra Rios, Sylvia Molloy e até mesmo Caio Fernando de Abreu, com sua obra *Morangos Mofados* (1982). Nesse sentido, surge a reflexão: e por que não começar a estudar esse tipo de literatura, para dar voz a esses escritores e fortalecer o movimento? Foi a indagação que fizemos ao iniciar este trabalho.

A literatura homoerótica vai além de questões sexuais, não se trata de escrever apenas “sacanagem”, os autores percorrem por outras nuances além do sexo, encontramos textos literários bem escritos com dramatização, conflitos, ritmo, etc. Percebemos os diferentes conflitos identitários e existenciais das personagens, o medo, as dores, angústias, sentimentos recorrentes a todo e qualquer ser humano, de modo que a humanidade desses sujeitos lhes é restituída nessas narrativas que abordam a temática homoerótica, bem como percebemos no romance aqui analisado.

Atualmente, nós temos um rico material de pesquisa referente às décadas de 1960, 1970 e 1980 disponível nos bancos de pesquisa e em outras mídias digitais, e podemos perceber que havia grandes movimentos militantes favoráveis à causa LGBTQIA+, como o jornal *Lampião da esquina*, que dava voz às mulheres lésbicas silenciadas pela censura do regime militar do Brasil em 1978. Bem como o Gay Liberation front (GLF) e o Gay Activists Alliance (GAA), movimentos estes que não mediam esforços para irem às ruas e manifestarem seus direitos, e que, graças a eles, os autores de literatura homoerótica contemporânea possuem mais voz para fazerem sua literatura. Apesar de ainda existir muito preconceito, esses movimentos auxiliaram para que a homossexualidade e até mesmo a

literatura homoerótica fosse melhor aceita neste mundo globalizado no qual estamos inseridos. Isso faz com que os autores possam e consigam transformar histórias de cunho homossexual em livros fantásticos, peças teatrais, músicas, programas de Tv, entre outros e garantirem seu espaço/público.

Outro aspecto importante que precisa ser elencado é o fato de que a literatura homoerótica não é destinada apenas ao público LGBTQIA+, ela está disponível também a todos os outros gêneros, aos héteros, ou qualquer um que se interesse pelo tema. Temos muitos autores discutindo a homoafetividade e o homoerotismo em suas histórias nas quais conseguem prender a atenção de um leitor assim como uma história heteronormativa prenderia.

A literatura homoerótica visa retratar não apenas o desejo sexual pelo outro, mas sim as relações homoafetivas como um todo, bem como as questões políticas e culturais acerca dessa temática. Compreender a efetivação dessa literatura se faz importante devido ao fato da necessidade de se abordar as principais problemáticas que permeiam tais modos de se relacionar.

Diante disso, observamos que a pesquisa, aqui executada, se faz amplamente relevante para ampliar os estudos a partir do homoerotismo, como também desconstruir, com base em teorias profícuas, os estereótipos que foram construídos ao longo da história sobre as relações homoafetivas, estereótipos esses que são decorrentes de uma sociedade que se fecundou nos princípios de uma “heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2010).

Através desse estudo, podemos concluir que os aspectos culturais são preponderantes para a efetivação da literatura homoerótica, uma vez que os fatores que permeiam tal temática são amplamente interligados nas relações culturais entre os sujeitos. Pôde-se perceber também que tais aspectos são amplamente recorrentes no romance *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman, bem como interferem no sujeito e em sua formação identitária, ao longo da narrativa. Uma vez que Elio está inserido em contexto multicultural e globalizado, conseguimos entender como essa multiculturalidade interferiu de maneira direta na formação identitária do personagem citado.

Por fim, compreende-se que esse trabalho poder-se-á servir como subsídio para novas pesquisas que retratem sobre identidade cultural, homoerotismo, corpo e desejo, bem como ser o cerne para mais análises do romance aqui estudado. A análise sobre as relações homoafetivas e a formação identitária dos protagonistas, possibilitaram observar que a

identidade está em constante transformação. A representação do corpo e do desejo homoerótico, também serviram de base para pensar as questões culturais e históricas que regulam a sociedade de base heteronormativa.

REFERÊNCIAS

Corpus

ACIMAN, A. **Me chame pelo seu nome**. Trad. Alessandra Esteche. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

Alguma recepção crítica

ARAÚJO, M. A. R. **Me chame pelo seu nome: (Trans)formação da identidade transgênero à luz do Direito e da apreciação estatal**. 60 f. Monografia (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados. 60 f. 2018.

Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: perspectivas contemporâneas. **Identidade e multiculturalismo**. 2014. Disponível no link: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/433/7757>>. Acesso em 1 de dezembro de 2021.

G1. **André Aciman, autor de “Me chame pelo seu nome”, é o 1º escritor anunciado na Flip 2018**. 2018. Disponível no link: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/oscar/2018/noticia/andre-aciman-autor-de-me-chame-pelo-seu-nome-e-o-1-escritor-anunciado-na-flip-2018.ghtml>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 07-08.

MOTA, A. A. S.; SANTANA, J. B.; SOUZA, J. B. Sonhos do avô, do pai e do filho ou sobre polifonias psicoculturais contemporâneas em *Me chame pelo seu nome/ Call me by your name*, de André Aciman. **Artefactum – Revista de estudos em linguagem e tecnologia**, v. 10, n. 1, 2018.

VIANA, R. A., VASCONCELOS, B. A. **Uma autoconsciência iconográfica do corpo masculino em Me chame pelo seu nome**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.

Teoria e crítica

ALMEIDA, D. M. V. de. Por que estudar o discurso homossexual e o homossexual no discurso? **Revista (Entre Parênteses)**, v. 2, n. 2, p. 1-16, 2013.

BARCELLOS, J. C. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teóricas metodológicas e práticas críticas. In: _____. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006, p. 07-103.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BHABHA, H. K. **Pós-modernismo e política**. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1387/bhabha1.pdf?sequence=1>> Acesso em 28/10/2019.

BONFIM, M. Linguagem e identidade: o lugar do corpo nas práticas identitárias raciais. *Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 11-22, 2016.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAMARGO, F. P. O desejo homoerótico no conto “Passional ao extremo”, de António de Pádua. **Revista Língua Portuguesa e Literatura**, v. 35, n. 20, p. 107-118, 2018.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro. Ed. Uerj, 2006.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARDOSO Jr., H. R., NALDINHO, T. C. **A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder**. *Fractal: Revista de Psicologia* [online]. 2009, v. 21, n. 1, pp. 43-56.

COSTA, J. F. A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

CHIARA, A. **Geografia dos Afetos**. In: MORICONI, Italo (Org.). Caio Fernando Abreu - Palavra e Pessoa. Manuscrito Inédito, 2000

Dicionário online de Português. **Significado de objeção**. Disponível no link: <<https://www.dicio.com.br/objecao/>>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.

DEVESA, L. M. **A importância da comunicação no contexto organizacional**. Dissertação de mestrado. 2016.

- ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes. **Configurações do desejo homoerótico na contística brasileira do século XX**. 210 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, 2012.
- FERREIRA, D. (org.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 207-230.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Paris: Gallimard, 1975.
- FOUCAULT, M. **De l'amitié comme mode de vie**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, no 25, abril de 1981.
- FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, M. Michel Foucault, **uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. Verve, p. 260 – 277. 2004.
- FOUCAULT, M. **Sex, power and the politics of identity**. The Advocate, Los Angeles, n. 400, p. 26-30/58, ago. 1984b.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. *Revista Bagoas – Estudos gays: gênero e sexualidade*, v. 1, n.1, 2007.
- LACAN, J. (2005). **O seminário**. Livro 10: A angústia, 1962-63. Texto estabelecido por JacquesAlain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LE MOS, Saulo. **Sendas do homoerotismo na literatura ocidental**. *Cult*, 12 fev. 2003. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/sendas-do-homoerotismo/>>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, v. 1, n. 46, p. 201-218, 2007.

LOURO, G. L. **O corpo educado**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, O. O. **O discurso erótico do sujeito, sexualidade e identidade em me chame pelo seu nome, de André Aciman**. Universidade Federal Rural da Amazônia. Tomé- Açu. 2021.

LOPES, D. **O entre-lugar das homoafetividades**. Ipotesi, revista de estudos literários Juiz de Fora, v. 5, n. 1 p. 37 a 48.

LOPES, D. **O homem que amava rapazes**. Rio de Janeiro. Editora Aeroplano. 2002.

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. Rev. Dep. Psicol.,UFF, v. 19, n. 1, 2007.

LOPES, O. O. **O discurso erótico do sujeito**, sexualidade e identidade em me chame pelo seu nome, de André Aciman. Tomé – AÇU. 2021.

MÁRCIA. **Linguagem do corpo comunicação além das palavras**. Disponível no link:< <https://administradores.com.br/artigos/linguagem-do-corpo-comunicacao-alem-das-palavras>>. Acesso em 10 de dezembro de 2021

MENDES JÚNIOR, S. **Configurações do desejo e da abjeção em abjetos**: Desejos de Antonio de Pádua Dias da Silva.139 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 139 f. 2019.

MERLEAU-PONTY, M. (2004). **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo: Cosac e Naify. (trabalho publicado originalmente em 1961).

MISKOLCI, R. “**Corpos elétricos**: do assujeitamento à estética da existência”. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v. 14, n. 3, dez. 2006, p. 681-693.

MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (orgs). **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015.

MORICONI, Italo (Org.). Caio Fernando Abreu: **cartas**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2002.

MORAES, M. J. **Sobre a mesa de mármore do café, uma iguaria canibal**: perspectiva do olho, entre Walter Benjamin e Georges Bataille. ARS. 2017. n. 36.

OLIVEIRA, Michele Araújo da Costa; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. Sendo aos olhos do outro: o papel da alteridade na construção da identidade metrossexual. **Marketing - Rev. Adm.**, São Paulo, v. 47, n. 2, jun. 2012.

ORTEGA, F. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Relume Dumará. Rio de Janeiro. 2000.

PAZ, O. **A dupla chama**: Amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 2001.

PLATÃO. **O Banquete**. Trad. Donaldo Schüller. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

PINTO, J. **Linguagem, feminismo e efeitos de corpo**. In: SILVA, D.; ALENCAR, C.;

PINTO, J. **De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na linguística aplicada**. Delta, São Paulo, v. 31, p. 199-221, 2015.

PORTO, T. S. **A incômoda performatividade dos corpos abjetos**. Ide (São Paulo), São Paulo, v.39, n. 62, p. 157-166, ago. 2016.

PORTO, L. T. Literatura e sociedade: uma leitura da representação da homoafetividade em contos brasileiros do século. **Signo**, v. 41, n. nesp, p. 79-87, 2016.

PRINS, B., MEIJER, I. C. **Como os corpos se tornam matérias**: entrevista com Judith Butler. Ponto de vista. Estudos feministas. 1/2002. p. 155-167.

SANTOS, J. L. M. **O esquema passional canônico em “me chame pelo seu nome”, de Aciman**: isotopias e sentidos. Universidade Estadual de Goiás. Literatura feminina. V. 10, n. 2, 2018.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

SILVA, L. M. G., et al. **Comunicação não-verbal**: reflexões acerca da linguagem corporal. Revista Latino-Americana de Enfermagem [online]. 2000, v. 8, n. 4, pp. 52-58.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: **aspectos estéticos e políticos**. Maceió: Editora, 2012, p. 83-108.

SILVA, T. T. (organizador). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Warley Matias de. Literatura Homoerótica: **O homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte 2010.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WOODWARD, K. “**Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

YAMANAKA, J. H. C. **Do “corpo falado” à “fala corporificada”**: a compreensão das convergências de estruturas de poder para repensar a Linguística Aplicada. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* [online]. 2019, v. 19, n. 4, pp. 825-848.